

E P I F A N I A S

O Espetáculo do Sagrado

por

Ludmila Maria Noronha Souza
(Aluna do Curso de Comunicação Social)

Monografia apresentada à Banca
Examinadora na disciplina
Projetos Experimentais.
Orientador Acadêmico: Prof. Dr.
José Luiz Ribeiro.

SOUZA, Ludmila Maria Noronha. Epifanias: O Espetáculo do Sagrado. Juiz de Fora: UFJF, 2.sem.2003, 125 fl. Mimeo. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

Banca Examinadora:

Professor Potiguara Mendes da Silveira Jr.
Relator

Professora Márcia Cristina Vieira Falabella
Convidada

Professor Dr. José Luiz Ribeiro
Orientador Acadêmico

Examinado o projeto experimental:

Conceito:

Em:

A Deus, força absoluta e inigualável, crença infinita que tem direcionado todos os dias de minha vida.

À mamãe, pela confiança em meu sonho, pela fé nos caminhos que nos propusemos a trilhar, pelo incentivo tão verdadeiro sempre.

Ao papai, pelo apoio incondicional, pelo carinho que fez as dificuldades parecerem muitos menores do que eram a princípio.

Ao Karoni, pela presença tão especial em todos os momentos, pelo amor que me manteve forte nesse percurso.

À querida amiga Graci, companheira nas "caminhadas" pelas passagens bíblicas, verdadeiro presente de Deus em minha vida.

Ao mestre José Luiz Ribeiro, pela convivência que ampliou tanto meus horizontes e me fez descobrir que a disciplina é uma ferramenta indispensável quando fazemos o que amamos.

A mim, pela dedicação, pela coragem, pela persistência e pela fé em minha capacidade de sonhar... Eu mereço essa vitória!

Obrigada. Eu amo todos vocês!

S I N O P S E

Análise da "espetacularização" das celebrações religiosas da Igreja Universal do Reino de Deus e da Renovação Carismática Católica, com leitura crítica da produção televisiva da Rede Record de Televisão e da TV Canção Nova.

S U M Á R I O

1. INTRODUÇÃO

2. SAGRADO E SAGRAÇÕES

2.1. **A magia do sagrado**

2.2. **Transfigurações**

2.3. **Em nome do Senhor**

3. A GUERRA SANTA

3.1. **Igreja Universal do Reino de Deus**

3.2. **Renovação Carismática Católica**

3.3. **Estratégias**

3.4. **A visão espetacular**

3.5. **Confronto final: TV**

4. CONCLUSÃO

5. BIBLIOGRAFIA

6. APÊNDICES

Mas com certeza, para a época presente, que prefere o signo à coisa significada, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência à essência... só a ilusão é sagrada, a verdade profana. Mais, a sacralidade é considerada reforçada na proporção em que a verdade diminui e a ilusão aumenta, de tal modo que o mais alto grau de ilusão passa a ser o mais alto grau de sacralidade.

LUDWIG

FEUERBACH

1. INTRODUÇÃO

Um fenômeno midiático se expandiu na cultura brasileira no final do século XX. A partir dos anos 80, a Igreja Universal do Reino de Deus começa a revolucionar o comportamento de uma população carente de novas postulações espirituais. O espaço ocupado por esse movimento neopentecostal motivou um movimento antagônico da Igreja Católica, configurado na Renovação Carismática.

Uma questão primordial a ser abordada é: em que medida o espetáculo aplicado pelos movimentos religiosos a serem pesquisados traz respostas imediatas aos anseios do homem pós-moderno, desprovido em larga escala das tradições? A abordagem da fé no discurso religioso na forma "espetáculo", especificamente na Igreja Universal do Reino de Deus e na Renovação Carismática Católica, não seria apenas mais uma resposta que alimenta e perpetua a lógica de tensão já existente no mundo globalizado?

A forma assumida pelas manifestações religiosas citadas explicita um tênue limite entre a fé e a teatralização direcionada para o conforto das insatisfações do homem atual, participante ativo da desintegração de valores e fronteiras. A

comparação da linguagem, alcance de público e divulgação de teorias religiosas veiculadas com as necessidades vigentes são pontos relevantes que também merecem destaque no trabalho a ser desenvolvido.

Faz parte do campo de investigação abordar a questão do espetáculo aplicado às manifestações religiosas através do estabelecimento de um paralelo entre a produção televisiva da Rede Record de Televisão, relativa à Igreja Universal do Reino de Deus, e da TV Canção Nova, relativa ao movimento da Renovação Carismática Católica.

Serão utilizadas siglas referentes aos dois movimentos religiosos. Para a Igreja Universal do Reino de Deus será utilizada a sigla IURD e para a Renovação Carismática Católica, a sigla será RCC.

Os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no Censo do ano 2000¹, revelam uma população ainda predominantemente católica, porém, com mais opções religiosas. Verifica-se, ainda, uma tendência numérica de redução na proporção de católicos e incremento na proporção de evangélicos.

Analisando a evolução da proporção de católicos a partir de 1950, através dos dados do Censo Demográfico 2000 e dos

¹ IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>>. Acesso em: 10 out 2003

Censos anteriores, verificamos que o declínio desse índice foi aumentando ao longo dos anos. Comportamento inverso apresentou a proporção de evangélicos, quando nos anos 60 e 70 era bem pequena, e a maior aceleração de aumento ocorreu durante a década de 80. O período seguinte, de 1991 a 2000, também apresentou um elevado padrão de crescimento, porém menos acelerado do que as décadas anteriores.

Muitas questões envolvem o campo das manifestações religiosas no Brasil atual. Grande parte dessas questões diz respeito à idéia de manipulação de desejos e necessidades no exercício da divulgação da fé; o que pode ter contribuído para as significativas alterações verificadas no Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em relação à vivência religiosa.

Ao observar os mecanismos utilizados para a captação de fiéis pela Igreja Universal do Reino de Deus e pela Renovação Carismática Católica, é válido problematizar: as manifestações religiosas de nosso tempo estão se tornando um mero veículo de atração de um público cada vez maior para atender a necessidades de propagação através do espetáculo?

A Igreja Universal do Reino de Deus e a Renovação Carismática Católica parecem apresentar, em comum, uma forma espetacular de vivenciar o sagrado. A utilização de uma

linguagem semelhante nos dois movimentos citados, bem como o espaço utilizado para suas cerimônias religiosas e a forma de propagar sua crença na tentativa de alcançar um número cada vez maior de fiéis, nos levaram à escolha e ao desenvolvimento desta proposta de trabalho.

Portanto, consideramos válida a possibilidade de analisar as formas espetaculares que o culto e as cerimônias religiosas têm tomado, já que o "lugar sagrado" parece ter mudado sua configuração, alterando, assim, as regras que devem ser respeitadas em seu interior. Os movimentos religiosos pós-modernos surgem como mundos temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática da fé num enfoque cada vez mais urgente, característica marcante do mundo globalizado.

Para o homem primitivo, todo o cosmo era um sacramento e cenário de manifestação do sagrado. Tais representações se davam em pontos geográficos, onde a monotonia espacial se quebrava, entre eles os rios, os altos das montanhas, a beira-mar, as regiões pedregosas, os oásis, as cavernas e as florestas. Esses espaços atraíam, como ainda hoje acontece, seres humanos necessitados de uma intervenção de forças transcendentais em sua vida para ali invocarem o sagrado, além de solicitarem sua graça e o auxílio para os mais variados desafios e empreendimentos.

Porém, a partir do triunfo de mercado, não se pode mais falar que a religião baseada nas manifestações naturais do sagrado seja suficiente para satisfazer as necessidades do indivíduo. As cerimônias religiosas podem ser consideradas, então, um espetáculo, uma representação dramática, uma figuração imaginária de uma realidade desejada? Por que o neopentecostalismo e o movimento da Renovação Carismática Católica conseguem captar, ao mesmo tempo em que expressam pela sua expansão, os sentimentos e as necessidades de conforto e redenção do indivíduo? Como conseguem colocar em cena as necessidades mais urgentes do homem e também uma resposta a elas?

Com o surgimento da indústria cultural, os líderes religiosos parecem ter mudado o foco de sua atuação, criando novas formas de relacionamento com Deus, através da introdução de programas em redes comerciais; dessa forma, estão tornando o campo religioso fértil para a disseminação de propostas e ideais, com enfoque num aspecto empresarial que tem transformado a fé em um produto.

A Bíblia, que já era o livro mais vendido de todos os tempos, está ganhando a dianteira na lista de *best-sellers*. A proliferação das igrejas neopentecostais parece ter contribuído para o aumento nas vendas. E, entre os católicos, o interesse

vem crescendo desde o Concílio Vaticano II, que reforçou sua importância. Em 2003, as duas maiores editoras de Bíblias do país venderam juntas mais de cinco milhões de exemplares.²

O cristianismo, que originou os movimentos religiosos da Igreja Universal do Reino de Deus e da Renovação Carismática Católica, contou com poderosos mecanismos socializadores em sua expansão. Esses mecanismos se conjugaram, cooptaram pessoas, dirigiram suas ações e as levaram a um grau de comprometimento tão grande, que milhares delas, até se deixaram martirizar pela fé.

A pregação dos primeiros cristãos girava ao redor de um único ponto central - Jesus - e foi dessa centralidade, que parecem ter surgido os primeiros *slogans* e palavras de ordem, facilmente memorizáveis pelo povo: "Jesus é Senhor", "Jesus é Salvador", "Jesus Cristo é Deus". Com o decorrer do tempo, textos didáticos foram empregados para manter a reprodução da fé. Como resultado desses esforços surgiram os evangelhos e as expressões teóricas.

Mais tarde, assim como a classe operária foi ao paraíso da sociedade de consumo, o neopentecostalismo e a Renovação Carismática Católica parecem ter encontrado formas de acomodação no interior da velha cultura latino-americana e da

² À LUZ da Bíblia. *Revista Época*, São Paulo, ed. 271, p. 60-61, 28 jul 2003

nova sociedade de consumo, incorporando, no decorrer desse processo, símbolos, discursos e forças que emanam da religiosidade popular de origem ibérica, nativa dos indígenas e africanos, mesclada com o fundamentalismo dos televangelistas norte-americanos.

Podemos verificar um aumento, nos anos 80 e 90, da descrença na capacidade dos pobres de transformar revolucionariamente o destino da história. Ironicamente, as mesmas pessoas que aceitaram a "teologia da libertação", parecem ter rapidamente se entregado aos delírios da "teologia da prosperidade" ou a uma mística individualizante, da qual a Renovação Carismática Católica é um dos exemplos mais claros.

O número de adeptos, o sucesso, a capacidade de persuadir, seduzir e de mobilizar as massas tornaram-se, então, o critério último de julgamento deste ou daquele movimento religioso. O campo religioso no Brasil e no mundo parece ter deixado para trás, de forma definitiva, os períodos relativamente estáveis dos monopólios e de coexistência pacífica entre os grupos e instituições, predominando agora, nesse cenário, um clima de turbulência, pluralismo e realinhamento organizacional.

Há algo de eterno na religião que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares com que o pensamento religioso sucessivamente se envolveu.

EMILLE DURKHEIM

2. SAGRADO E SAGRAÇÕES

A consciência religiosa se constrói sobre a pressuposição da existência de uma dimensão misteriosa na realidade, dimensão de transcendência vertical que estrutura o real em níveis qualitativamente distintos, que não podem ser apreendidos por meio de um mesmo ato cognitivo.

A ciência, ao contrário, afirma que a realidade é um todo contínuo, uniforme, auto-explicativo, que contém dentro de si mesmo as pistas para a sua própria inteligibilidade. Ela crê que os sentidos e a razão, como partes constitutivas do real, e que dele emergiram, são instrumentos adequados e suficientes para desvendar a trama dos eventos, seja no nível natural, seja na ordem humana.

O mistério, a transcendência vertical, a crença no novo e no utópico foram, por um bom tempo, classificados como "contos de fada". Parece, entretanto, que algo andou errado com essa classificação. Porque bem no meio dos funerais de Deus, uma chuva de novos deuses começou a cair e um novo tipo de fé encheu os nossos espaços e o nosso tempo.

Não se pode contestar que as formas cristalizadas e institucionalizadas da religião estão em declínio. Por outro

lado, não se pode negar o surto de um novo fervor religioso, assumindo agora formas novas e inesperadas.

É possível que nos limites da consciência do desencantamento do mundo, nos limites da exploração de suas possibilidades horizontais e imanentes, estejamos nos dando conta de que talvez haja uma dose de "loucura" na secularização e um pouco de "cegueira" na ciência.

2.1. A magia do sagrado

... O homem viverá, para sempre, num mundo de deuses e demônios, símbolos de suas aspirações e temores - ainda que estes mesmos símbolos se envergonhem de suas próprias origens e, como travestis, se vistam com roupagens seculares.³

As manifestações do sagrado para o homem sempre se apresentaram variadas e contraditórias. Revelação dos deuses, busca constante do homem por si mesmo, obsessão da humanidade: são múltiplas possibilidades de compreensão. Quando tratamos de fenômenos que se desenvolvem através da experiência humana não há explicações unívocas. Podemos falar de santidade e pecado, de salvação e perdição, de dimensões invisíveis e estruturas misteriosas. E por mais que investiguemos a realidade,

³ ALVES, R. 1998: p. 58

objetivamente, não conseguimos encontrar dados sensíveis que possam constituir uma resposta a esse questionamento. A realidade aqui possui várias camadas de significação.

Roger Caillois, ao estudar as relações do homem com o sagrado, destaca que ao longo de toda a história religiosa, a noção de sagrado guardou uma individualidade bem marcada e uma unidade incontestável, por mais rudimentar que fosse a civilização onde ela se manifestasse.

No fundo, o sagrado suscita no fiel exatamente os mesmos sentimentos que o fogo na criança: mesmo receio de nele se queimar, mesmo desejo de o acender, mesma emoção perante a coisa proibida, mesma crença em que a sua conquista proporciona força e prestígio ou ferimento e morte em caso de fracasso. E tal como o fogo produz simultaneamente o mal e o bem, o sagrado desenvolve uma ação fasta e nefasta e recebe as qualificações opostas de puro e impuro, de santo e sacrílego que definem com os seus limites próprios as fronteiras inerentes à extensão do mundo religioso.⁴

O sagrado destaca-se, assim, como princípio essencial da vida; a força que o homem busca desde os tempos mais remotos e que, ainda hoje, representa o conforto que aproxima e o incontrollável que amedronta.

As manifestações sagradas mostram-se abstratas, interiores, subjetivas; ligando-se mais a conceitos do que a seres, mais à intenção do que ao ato, mais a disposições espirituais do que a manifestações exteriores. Apesar desse

⁴ CAILLOIS, R. 1950: p. 36

caráter subjetivo, esses parâmetros podem se relacionar com fenômenos da história da humanidade: emancipação do indivíduo e desenvolvimento da sua autonomia intelectual e moral, além do progresso científico; já que o sagrado permanece como aquilo que provoca respeito, temor e confiança.

Durante o século XIX foi proposta uma teoria de que o sagrado, expresso nas manifestações religiosas, era um resquício de um período primitivo do desenvolvimento do homem. A imaginação de uma dimensão invisível da realidade, um mundo misterioso habitado por deuses, demônios e espíritos e movido por forças mágicas, talvez tenha representado uma tentativa de abordar experiências e fenômenos que o homem não conseguia compreender.

Com a evolução da história e a progressiva emergência das formas científicas de pensar, o homem parece ter começado a educar-se para a realidade, deixando para trás as "ilusões" do sagrado. Com o advento do novo deus, a ciência, os velhos deuses foram relegados ao passado. A suposição mais viável seria o desaparecimento da manifestação do sagrado que

... não tem nenhum ponto de contato com a efetividade, que desmorona tão logo a realidade, em um ponto sequer, adquiere seus direitos, tem, como é justo, de ser inimiga mortal da sabedoria, quer dizer, da ciência - achará bons todos os meios, com os quais a disciplina do espírito, o esmero e rigor nas questões de consciência do espírito, a nobre frieza e liberdade de espírito, pode ser envenenada, caluniada, difamada. A crença como imperativo é o veto contra a ciência - *in praxi* a mentira a todo preço.⁵

Como consequência da revolução científica que se iniciou no século XVI, o conhecimento da realidade passou a implicar numa progressiva emancipação da consciência das fantasias criadas pela imaginação, no sentido de uma conformidade cada vez maior com as estruturas racionais. O desenvolvimento do espírito implicava, então, num abandono paulatino do nível emocional, considerado como irracional, e na descoberta da razão, compreendida então como universal e não emocional.

Com o advento da ciência, a mais alta expressão da razão, os estágios e níveis emocionais que o homem havia vivenciado até então, deveriam ser abandonados. Nesse contexto, a religião é identificada com o irracional e a ciência com o racional.

Aos poucos, a ciência iniciou um processo de demolição das crenças da Idade Média, onde todos os fenômenos eram regidos pelo sagrado. A ciência trabalhava, a partir de então, com a presença de leis fixas e imutáveis; tudo passou a ser explicado em termos de leis imanentes à própria natureza. A

⁵ LEBRUN, G. 1996: p. 402

realidade não precisava mais de hipóteses teológicas para se explicar.

... A ciência criou um problema habitacional para Deus. Na medida em que ela penetrava em novos domínios, Deus se tornava supérfluo e obsoleto, e era despojado. A realidade foi 'desencantada'...⁶

Pode-se fazer um paralelo entre duas figuras extremamente representativas das formas antagônicas de relacionamento do homem com o sagrado ao longo dos tempos. Distanciados por um século e meio, Joana d'Arc e Galileu Galilei se opõem como a crença inabalável na manifestação divina e a certeza secular da abordagem científica.

Joana d'Arc nasceu em 1412, na França. Aos 13 anos declarou que podia ouvir a voz de Deus, que a incentivava a cumprir os deveres cristãos. A mesma voz ordenou-lhe que libertasse a cidade de Órleans do domínio inglês. Afirmava, ainda, ver o arcanjo São Miguel, além de Santa Catarina e Santa Margarida, cujas vozes também ouvia.

Em 1428, encontrou-se com o rei da França, Carlos VII e comunicou-lhe a missão que Deus lhe confiara. Recebeu então, do rei, o comando de um pequeno exército. Em 1430, Joana foi aprisionada pelos borgonheses. Sem direito a defesa, confinada numa prisão laica e guardada por carcereiros ingleses, Joana

⁶ ALVES, R. 1998: p. 36

d'Arc foi submetida a um processo por heresia, mas enfrentou os juízes com grande serenidade. Condenada à fogueira, foi queimada publicamente na praça do Mercado Vermelho, em 1431. Joana d'Arc foi canonizada em 1920 pelo papa Bento V.

Aproximadamente um século e meio mais tarde, a figura de Galileu Galilei se apresenta como a contraposição da mártir. Nascido em 1564, na Itália, Galileu direcionou sua vida para as atividades de indagar, pesquisar, descobrir e certificar, pelos recursos da experiência, a verdade e as leis da Natureza, baseado na premissa de que "a experiência não falha nunca, falham somente nossos juízos".

Como professor de astronomia na Universidade de Pisa, foi convocado a lecionar sobre a teoria de que o sol e os outros planetas giravam em torno da Terra. Mais tarde, na Universidade de Pádua, foi exposto a uma nova teoria, proposta pelo astrônomo Nicolau Copérnico, de que a Terra e os outros planetas giravam em torno do sol. Através de observações de Galileu, foi comprovada a teoria de Copérnico. A aceitação dessa teoria por Galileu lhe trouxe sérios problemas com a Igreja Católica Romana. Em 1633 a Inquisição o forçou a abandonar publicamente a teoria de Copérnico. Ele recebeu como condenação a prisão perpétua, pena que cumpriu em casa devido à sua idade avançada.

Segundo o teólogo Rubem Alves, quando tudo parecia indicar o fim do sagrado, presenciamos o mundo sendo invadido por uma infinidade de novos deuses e demônios, além de um novo fervor religioso que era, até então, desconhecido para nós. Desconhecido tanto pela sua intensidade quando pela variedade de suas formas, o que está enchendo os espaços profanos do mundo que se proclamava secularizado. O sagrado parece encontrar seu espaço em novas formas de conhecimento, trazidas pelo advento da razão.

...uma atitude inimiga do mistério, que recomenda uma desconfiança sistemática, uma falta de respeito deliberada, e que, considerando tudo como objeto de conhecimento ou como matéria de experiência, conduz a olhar tudo como profano e a tratar tudo em conformidade, à exceção, talvez, desse furor de conhecer.⁷

O fascínio pelo misticismo oriental, a ioga, o zembudismo, a meditação transcendental, os cultos demoníacos e a feitiçaria, a busca de experiências transracionais, como o falar de línguas estranhas; todos esses elementos presentes nas manifestações religiosas de nosso século talvez tenham colocado em dúvida as previsões científicas acerca do fim do sagrado; todos eles expõem uma necessidade do homem em relação à busca da transcendência, do abstrato e do desconhecido.

⁷ CAILLOIS, R. 1950: p. 131

As emoções do homem, na atualidade, parecem confusas diante de um mesmo Deus que abençoa e que amaldiçoa, que salva e que lança no inferno, que perdoa e que assombra a consciência humana com as dores da culpa. Para a mentalidade positivista, esses fantasmas já haviam sido deixados para trás pelo homem moderno e secularizado, que desenvolveu formas de organização que vão além da religião.

Muitos dos velhos deuses sobem de seus túmulos: eles foram 'desencantados' e por isto tomam a forma de forças impessoais. Eles lutam por ganhar poder sobre nossas vidas e de novo reiniciam a sua luta eterna uns com os outros.⁸

O que a secularização conseguiu realizar não foi uma destruição dos deuses e demônios, mas uma modificação dos seus nomes. Os aspectos sinistros e irracionais da existência continuam a assombrar não só os homens mais simples mas, também (e talvez principalmente), aqueles que passaram pela elucidação científica. E por isso, continuamos a fazer uso de exorcistas, muito embora eles se vistam com aventais brancos e seus demônios tenham nomes científicos.

A questão da existência de uma conexão entre o sagrado e as formas de vivência dos aspectos culturais do homem está absolutamente presente em nosso século, embora com

⁸ WEBER, M. apud ALVES, R. 1988: p.55

configurações mais próximas talvez, do deus nietzschiano "morto na cultura".

É o profundo medo premonitório de um pessimismo incurável que força milênios inteiros a se aferrarem com unhas e dentes a uma interpretação religiosa da existência: o medo daquele instinto que pressente que se poderia chegar à posse da verdade 'cedo' demais, antes que o homem se tenha tornado forte o bastante, duro o bastante, artista o bastante. A devoção, a vida em Deus, considerada com este olhar, apareceria como o mais refinado e último rebento do 'medo' da verdade, como a adoração e embriaguez de artista diante da mais conseqüente de todas as falsificações, como a vontade de inversão da verdade, de inverdade a todo preço. Talvez, até agora, não houve nenhum meio mais forte para embelezar o próprio homem do que justamente a devoção: com ela o homem se torna arte, superfície, jogo de cores, bondade, a tal ponto que não se sofre mais à sua vista.⁹

Nietzsche anuncia o super-homem, o homem que terá coragem para afirmar a sua vida e sua liberdade contra todas as estruturas de repressão que nossa civilização criou. A coroa de todas essas estruturas parecia estar sintetizada no nome de Deus. Conseqüentemente, nesse contexto, a morte de Deus poderia trazer consigo o começo do fim das estruturas de repressão. Elas perdem o seu caráter sagrado e o homem está livre.

O que parece estar em jogo é a constatação de que as estruturas de pensamento e de linguagem oferecidas entraram em colapso. Porque o grande dogma do mundo que se denomina tecnocrata é que a realidade é auto-explicativa, e que a razão

⁹ LEBRUN, G. (org.) 1996: p. 316

dispõe dos instrumentos para decifrar o enigma que lhe é proposto.

Quem é o novo homem? É um homem que experimenta uma hilariante sensação de liberdade e permissão. Se o universo não é mais parte de uma estrutura sagrada, o mundo deixa de ser tabu. Ele é profano. Nada há nele que impeça o exercício da liberdade humana para conhecê-lo e dominá-lo. Seculariza-se o mundo e seculariza-se o conhecimento.¹⁰

Voltam à tona, em nosso tempo, as representações que Deus, como centro de sistemas de crença, tem assumido ao longo da história. No caso típico do cristianismo ocidental, católico ou protestante, essas representações de Deus, ora muito próximas, ora distantes umas das outras, construíram um universo de sentido muito sólido, mas que começa a ser outra vez abalado por novas configurações.

Tanto de um lado como de outro, o Deus cristão de nossa cultura tem oscilado entre Deus-milagre e Deus-razão, correndo as variações na esteira das circunstâncias sociais e culturais. Assim, temos tido o Deus do altar e o Deus da consciência, o Deus do indivíduo e o Deus da cristandade, o Deus majestático e irado e o Deus benevolente, Deus morto e Deus vivo, Deus próximo e Deus distante. O sagrado parece estar assumindo novas configurações na efervescência religiosa de nosso tempo.

¹⁰ ALVES, R. 1988: p. 69

Através do poder mágico da onipotência do pensamento o homem pós-moderno, das profundezas de suas emoções, tece um mundo verbal que afirma e confirma os seus valores. E este novo mundo parece representar uma gratificação substitutiva, o novo mundo de felicidade que compensa as frustrações e sofrimentos contidos na realidade. E freqüentemente essa gratificação substitutiva constitui-se no sagrado.

A negação do mundo, a absolutização da eternidade, o medo da vida, o mal-estar diante de qualquer coisa humana, a rejeição da liberdade, a revolta contra tudo o que é provisório são conceitos que aproximam o homem desse poder absoluto e abargador.

Nascemos num mundo iluminado por certezas transcendentais e valores absolutos. Nossas esperanças eram inabaláveis. Nosso mundo era um cosmo cuja significação lhe era dada pela visão da Jerusalém Celeste. Deus estava nos céus. Tudo estaria bem na terra.

Mas nossos deuses morreram. Ou, se não morreram, ficaram mudos e silenciosos. Foram, como nós, exilados. E em seu lugar surgiram os heróis. A política se transformou em religião. Através dela aquilo que na religião aparecia apenas como gemido e aspiração seria realizado de forma concreta.¹¹

Alguma coisa ocorreu com nosso espaço. Ele foi globalmente tomado pelo novo tempo que a sociedade tecnológica e burocrática criou. O caos parece ter invadido todos os setores da nossa civilização. O sagrado representa, nesse contexto, uma

¹¹ ALVES, R. 1988: p. 17

busca de pontos de referência, de novos horizontes que nos permitam encontrar sentido no caos tecnocrata que nos envolve. É uma tentativa de organizar os fragmentos de um todo que foi destruído.

Nosso século agoniza a ciência e a técnica, que alcançaram limites difíceis ainda de medir na extensão e conseqüências. Se nos séculos anteriores, a ciência e a razão levaram muitos a diagnosticar o fim da necessidade de Deus e da religião, em fins do século XX e início do século XXI, estamos sendo espectadores de surpreendente revitalização das manifestações do sagrado. Não se trata da revitalização das velhas religiões, mas da emergência de novas formas de prática religiosa, com novas configurações de Deus também. Mesmo que se revelem nelas lastros de religiões tradicionais, de fato são novas religiões. A força inaudita desses novos movimentos religiosos parece estar na conversão dos indivíduos e em sua conseqüente mudança de conduta.

Sentimos como se um novo dia estivesse raiando ao receber as boas-novas de que 'o velho Deus morreu'; nosso coração transborda com gratidão, assombro, antecipação e expectativa. Por fim o horizonte se apresenta novamente aberto a nós, muito embora ele não esteja muito claro: por fim nossos navios podem se aventurar pelo mar e fora, para enfrentar qualquer perigo; toda a ousadia do amante do conhecimento é

permitida novamente; o mar, o nosso mar, está aberto novamente.¹²

Entender as motivações e as marcas dessa efervescência religiosa exige que levemos em conta as mudanças históricas e culturais que desempenham, no espaço e no imaginário sociais, novos perfis do sagrado.

A modernidade representou um estilo de vida iniciado na Europa a partir do século XVII e que se tornou praticamente mundial em sua influência. Os movimentos religiosos da Igreja Universal do Reino de Deus e da Renovação Carismática Católica parecem estar incluídos na pós-modernidade, entendida como uma libertação dos dogmas e tradições, e que pressupõe uma perspectiva de descontinuidade e de rompimento das fronteiras anteriormente delimitadas.

Assim, o ser humano estaria vivendo um processo social no qual se torna mais individualista, desprovido de historicidade, voltando-se para si mesmo, na busca de referências para o viver diário. Nesse contexto, valoriza-se o lúdico e, para o indivíduo, pouco lhe interessa o passado e o futuro, pois a sua ênfase privilegia o presente.

Segundo esse paradigma, a pós-modernidade teria trazido profundas implicações para a religiosidade tradicional, através do surgimento de novos movimentos contestadores das

¹² NIETZSCHE, F. apud ALVES, R. 1988: p. 77

instituições religiosas tradicionais, de seus rituais e processos de institucionalização. A religiosidade tradicional tem sido apresentada como uma das causas do surgimento de novos movimentos religiosos no ocidente, da necessidade que as pessoas tem demonstrado de reordenar a vida numa sociedade materialista e secularizada.

Nem as religiões, nem os homens são livros abertos. Foram antes construções históricas do que construções lógicas ou mesmo psicológicas sem contradição.¹³

Podemos enfocar a passagem de um cenário cultural ocidental, racionalista e científico, no qual predominou a influência de Newton-Descartes na produção de uma visão analítica da vida, para uma visão mais integralizadora. O advento dessas novas opções de misticismo e de religiosidade, em substituição às ênfases na ação social, acabou por beneficiar também os novos movimentos religiosos de origem cristã, entre eles os movimentos carismáticos da Igreja Católica e o neopentecostalismo protestante.

Leonildo Silveira Campos explicita algumas características das transformações culturais e religiosas que têm influenciado decisivamente as formas atuais de vivenciar o sagrado: a valorização da energia e da potencialidade do homem individual, interligado com as forças vivas do cosmo e do universo; a

¹³ WEBER, M. apud CAMPOS, L. S. 1997: p. 327

reintegração do ser humano no próprio centro da natureza; a globalização do sentimento religioso, com predomínio dos padrões universais sobre os particulares; a localização do transcendente dentro das pessoas, com o retorno da idéia de que o sagrado pode ser atingido não só por meio das mediações religiosas tradicionais, mas também através de formas extra-sensoriais e de recursos como meditação ou concentração; rompimento do monopólio ocidental e cristão sobre as expressões religiosas, trazendo profundas modificações para a vivência do sagrado no mundo pós-moderno.

Diante das características apresentadas, é possível acrescentar a busca ansiosa do homem pela magia. Pensamos que os ritos, práticas e visão de mundo, cultivadas pelas novas manifestações do sagrado em nosso tempo, sugerem que as relações entre magia e religião apresentam aspectos de continuidade e complementaridade.

O indivíduo que experimenta intensamente as incertezas da vida urbana, nos quadros de uma economia capitalista em processo de remodelação, aliado a um processo de desarticulação dos modos de vida provocado pelo avanço de um estilo pós-moderno, parece buscar a redução de suas incertezas e a restauração da crença de que o mundo pode deixar de ser arbitrário.

Toda dominação simbólica supõe, por parte daqueles que sofrem seu impacto, uma forma de cumplicidade.¹⁴

Baseado nas manifestações do sagrado em nosso século, podemos deduzir que a teologia, mais do que uma construção de determinadas elites religiosas, tem se mostrado uma visão de mundo expressa por um grupo de fiéis, uma teia de palavras, símbolos e atos elaborados à luz de suas experiências religiosas. Como tal, a teologia transcende a reflexão individual, porque ela é uma atividade grupal, objetivada em dogmas, ritos ou meios catequéticos. Além disso, toda teologia tem por finalidade explicar a especificidade de suas relações com o sagrado, enquanto apresenta as experiências históricas do grupo que a formulou como um modelo de vida para todas as demais pessoas.

2.2. Transfigurações

Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte. E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhe apareceram Moisés e Elias falando com ele. Então, disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias. Falava ele ainda quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi. Ouvindo-a os discípulos,

¹⁴ BOURDIEU, P. apud CAMPOS, L. S. 1997: p. 297

caíram de bruços, tomados de grande medo. Aproximando-se deles, tocou-lhes Jesus, dizendo: Erguei-vos e não temais! Então, eles, levantando os olhos, a ninguém viram, senão Jesus.¹⁵

Talvez os discípulos ainda estivessem frustrados e confusos porque Jesus havia predito sua morte há apenas alguns dias. Quando foi transfigurado, os discípulos tiveram um vislumbre alentador da glória celestial de Jesus e as palavras de Deus reforçaram poderosamente a identidade dele como Messias. O que os discípulos viram e ouviram deve ter causado uma impressão indelével em suas mentes, preparando-os para proclamar um testemunho de primeira mão a respeito do Senhor.

A verdade do sagrado não se encontra na correspondência entre os seus símbolos e os objetos para os quais eles parecem apontar. Porque os símbolos religiosos são revelações das condições da subjetividade. A verdade do sagrado, assim, não está na infinidade do objeto, mas na infinitude da "paixão". Mágica, brinquedo, arte, valores - são expressões da imaginação; surgem de uma mesma dinâmica emocional.

O sagrado pode ser considerado uma destas expressões; talvez a mais ambiciosa e universal. Na mágica, no lúdico, na arte, nos valores, a imaginação ainda se apresenta modesta, tolhida frente à presença do princípio da realidade. Sua busca

¹⁵ A BÍBLIA Sagrada. 2. ed. rev. atual. 1999: Mateus 17: 1-8

por um mundo significativo contenta-se em expressar-se nos espaços que o princípio da realidade lhe permite.

O sagrado, entretanto, projeta suas significações sobre a realidade e invoca o "cosmos" para significar a validade da experiência humana. E o homem cria deuses à sua imagem e semelhança para se transfigurar em algo que esteja além de sua fisiologia concreta.

O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós.¹⁶

Podemos dizer que uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto inconsciente mais amplo, que nunca é precisamente definido ou explicado. De acordo com Yung, quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance da nossa razão.

Portanto, o homem é incapaz de descrever um ser "divino". Quando, com toda a sua limitação intelectual, chama alguma coisa de "divina", parece estar dando-lhe apenas um nome, que poderá ser baseado em uma crença, mas, provavelmente, não em uma evidência concreta. De acordo com Caillois, o sagrado é

¹⁶ YUNG, C. 1964: p. 20

sempre mais ou menos 'aquilo de que não nos aproximamos sem morrer'.¹⁷

Em "2 Samuel", na Bíblia, pode-se encontrar um claro exemplo do temor que cerca a aproximação do homem com o sagrado. Na passagem sobre a Arca da Aliança, verifica-se que a mesma representava a santidade e a presença de Deus. O povo mantinha-se sempre longe dela. Somente os sacerdotes podiam aproximar-se, servindo de intermediários entre o povo e Deus. Há, inclusive, a indicação da distância que deveria ser mantida: dois mil côvados, o equivalente a 900 metros.

Quando chegaram à eira de Nacom, estendeu Uzá a mão à arca de Deus e a segurou, porque os bois tropeçaram. Então, a ira do Senhor se acendeu contra Uzá, e Deus o feriu ali por esta irreverência; e morreu ali junto à arca de Deus.¹⁸

Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que freqüentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e a maioria delas se exprime através de imagens.

Diz a lenda que a terrível esfinge, criatura alada que misturava o corpo de mulher ao de leão, se postava na entrada da cidade de Tebas e propunha um enigma aos moradores.

¹⁷ CAILLOIS, R. 1950: p.21

¹⁸ A BÍBLIA Sagrada. 2. ed. rev. atual. 1999: 2 Samuel 6: 6-7

“Decifra-me ou te devoro”. Quem não soubesse a resposta era aniquilado. O monstro se apresentou com essa mesma ordem a Édipo, o mitológico herói grego, que acertou a adivinhação e acabou com o monstro para sempre.

Possivelmente, estudiosos de diversas eras também se sentiram devorados pelo enigma formado por uma série de símbolos que compõem os hieróglifos, a escrita sagrada egípcia estabelecida 3.200 anos antes de Cristo. Desenhos curiosos de animais, plantas, objetos e seres humanos presentes principalmente em tumbas e monumentos, criados pela civilização que floresceu no vale do rio Nilo, denotam o poder que está encerrado no domínio do significado e da comunicação da tradição.

Símbolos e conceitos religiosos foram, durante séculos, objeto de uma elaboração cuidadosa. Sua origem parece estar tão soterrada nos mistérios do passado que a procedência humana, por muitas vezes, torna-se distante. Mas são, efetivamente, “representações coletivas” que procedem de fantasias e sonhos primitivos.

O mito é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais. Em outras palavras, mito é a narrativa de uma criação: fala, basicamente, de que modo algo que “não era” começou a “ser”.

Trata-se sempre de uma representação coletiva, transmitida através das gerações. O mito é sentido e vivido antes de ser compreendido e formulado. É a palavra, a imagem, o gesto que circunscreve o acontecimento no coração do homem, emotivo como uma criança, antes de fixar-se como narrativa.

Os temas cristãos podem ser representados através de idéias de anjos, de Deus, de céu, do inferno ou do mal. O papel dos símbolos religiosos é dar significação à vida do homem. Um mito, assim, consiste de símbolos que não foram conscientemente inventados.

O iluminismo provocou a crise da consciência religiosa no ocidente, forçando uma transformação radical no método teológico. A razão desta transformação tem menos a ver com o desenvolvimento interno da própria teologia do que com o desaparecimento do objeto do discurso teológico. A este objeto pertenciam algumas das grandes provas históricas do cristianismo: os relatos de milagres, o cumprimento das profecias e a expansão do cristianismo nos primeiros séculos. Todas estas provas eram o fundamento que justificava a teologia como uma ciência positiva; havia uma religião fundada em dados positivos de convicções históricas praticamente inquestionáveis.

Então, a era da razão implode a catedral gótica do positivismo religioso e do cristianismo histórico. Até esse momento, nenhuma dúvida se havia dirigido contra as pedras fundamentais do edifício cristão. Os críticos do cristianismo nunca haviam questionado as bases sobrenaturais das provas históricas da fé cristã; questionavam, sim, a interpretação a elas dada e a reivindicação de exclusividade que a elas era anexada.

A origem dos mitos remonta ao primitivo contador de histórias, aos seus sonhos e às emoções que a sua imaginação provocava nos ouvintes. Estes contadores não foram gente muito diferente daqueles a quem gerações posteriores chamaram poetas ou filósofos. Não os preocupava a origem das suas fantasias; só muito mais tarde é que as pessoas passaram a interrogar de onde vinha uma determinada história.

O mito pode ser considerado uma unidade indivisível entre as relações formais e intelectuais de tal maneira que os processos religiosos em suas representações não são nem intelectuais, nem históricos, mas sim histórico-intelectuais.

A estrutura do mito está ligada à relação entre a subjetividade universal e o evento particular nele representado. O mito se transforma, então, em narrativa que deve ser designada no âmbito das imagens e representações.

Inicialmente, símbolo era um sinal de reconhecimento: um objeto dividido em duas partes, cujo ajuste e confronto permitiam aos portadores de cada uma das partes se reconhecerem. O símbolo é, portanto, a expressão de um conceito de equivalência.

A religião pode ser definida como o conjunto das atitudes e atos pelos quais o homem se liga ao divino. Podemos dizer, então, que a religião é uma reatualização e uma ritualização do mito. O rito possui o poder de suscitar ou reafirmar o mito. A ação ritual realiza no imediato uma transcendência vivida. O rito toma, nesse contexto, o sentido de uma ação essencial e primordial através da referência que se estabelece do profano ao sagrado.

Mircea Eliade afirma que um objeto ou um ato não se torna real a não ser quando repete um arquétipo. Assim, a realidade se adquire exclusivamente pela repetição ou participação; tudo que não possui um modelo exemplar é vazio de sentido, isto é, carece de realidade.

O homem moderno é, na verdade, uma curiosa mistura de características adquiridas ao longo de uma evolução mental milenária. O ceticismo e a convicção científica coexistem nele, juntamente com preconceitos ultrapassados, hábitos de pensar e sentir obsoletos, erros obstinados e uma cega ignorância.¹⁹

¹⁹ YUNG, C. 1964: p. 96

Símbolos sagrados não são retratos de entidades que se movem no mundo das coisas. Símbolos sagrados são expressões de experiências de vida; experiências que, por se situarem na esfera das relações do homem com o mundo, só podem ser exprimidas de forma indireta.

A consciência do sagrado projeta sentimentos sobre o mundo. Porém, é necessário perceber que a cada projeção corresponde uma introjeção. Podemos deduzir, então, que as construções da imaginação são sempre simbolizações de situações vivenciadas. Pensar o mundo humano ou o "cosmo" sagrado implica, automaticamente, pensar a possibilidade de sua dissolução. Nos mitos cosmogônicos a terra seca, o jardim primordial onde o homem habita emerge das trevas que se misturavam com as águas. *A terra era sem forma e vazia. Havia trevas sobre a face do abismo e um forte vento varria a superfície das águas.*²⁰

Os mitos cosmogônicos não são teorias primitivas. São, antes de mais nada, manifestações psíquicas que refletem a natureza da alma. O abismo, as trevas, as águas, o vento forte: símbolos do caos que permanentemente investe contra a ordem. O princípio do prazer, o projeto utópico do ego, as cristalizações do amor que se expressam na imaginação e na

²⁰ A BÍBLIA Sagrada. 2. ed. rev. atual. 1999: Gênesis: 1, 1-2

cultura, são permanentemente assombradas pela certeza de sua precariedade.

Mitos são projeções de grupos humanos. Eles expressam experiências coletivas que escapam e transcendem a dicotomia sujeito-objeto. Esta é a razão por que aquilo que os mitos descrevem numa relação temporal de antes e depois, de causa e efeito, como pertencendo à realidade natural, tem de ser entendido de forma "atemporal". A significação do tempo mítico é a estrutura oculta sob a superfície da consciência.

A princípio, o homem moderno considerou o mito apenas como uma forma pré-científica de explicar o mundo e que juntamente com o sagrado deveria ser considerado uma reminiscência de nossa infância. Se pensarmos o mito como um relato com pretensões de explicar a realidade objetiva e cientificamente, ele nada mais pode ser do que uma explicação equivocada.

A inteligibilidade dos mitos só se revela em resposta às perguntas que lhes dirigimos. O que importa não é o que dizem, mas como dizem. Não são relatos de explicação, mas de expressão. Expressam o "como" do homem em relação ao seu mundo, uma interpretação em que o sujeito e o objeto se fundem. O absurdo aparente dos mitos se deve não a eles mesmos, mas antes à nossa maneira ocidental de perguntar e de obter respostas, maneira que cristalizou a relação entre sujeito e objeto que o

mito desconhece. No mito o homem e o mundo não podem ser separados, porque ambos se refletem e se interpretam.

É nesse discurso que nascem as palavras que irão funcionar como "Deus": palavras que exprimem e resolvem a problemática da relação homem-mundo, homem-tempo, homem-comunidade, homem-morte. Há tantos deuses quanto relações existenciais do homem com seu mundo. Esta, talvez, seja a razão por que no Velho Testamento é impossível encontrar uma elaboração filosófica do monoteísmo. Ao contrário: os vários deuses se digladiam numa luta permanente, o Deus de Israel e dos deuses das nações. Na realidade, conflito entre duas interpretações da realidade.

Nesse caso, para a tradição profética do Velho Testamento, o símbolo "Deus" remete o homem a uma experiência de libertação política, o Êxodo. Do evento surge a linguagem, nasce o símbolo. Deus simboliza uma perspectiva histórica da experiência: o homem marcha do cativeiro para um futuro aberto. A experiência do Êxodo se torna a geratriz de uma visão global na qual a própria natureza é compreendida como subordinada à história e à liberdade. Em contraposição, os deuses das nações expressam uma atitude passiva frente à natureza. Seus deuses, portanto, expressam a exigência de integração no ritmo natural da vida.

“Deus morreu”. Mas ele nasceu também. Nasceu como parte da história do homem, como símbolo que as culturas criaram para fazer sentido do seu mundo. Sua morte, portanto, é um evento, não da história dos deuses, mas da história do próprio homem.

2.3. **Em nome do Senhor**

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.²¹

Falar em nome do Senhor é um privilégio que tem sido amplamente utilizado pelos líderes religiosos ao longo de toda a história da humanidade. E numa sociedade em que a religião institucionalizada perdeu a capacidade de aglutinar ao seu redor as múltiplas dimensões da vida, o processo gerador de sentido foi se transferindo para os meios de comunicação de massa, espaço social no qual se dá a gestação dos novos heróis modelares, que tentam convencer os outros que a sua escolha

²¹ A BÍBLIA Sagrada. 2. ed. rev. atual. 1999: Atos dos Apóstolos: 2, 1-4

deve ser assumida por todos os destinatários, justamente por ser uma escolha "lógica", "funcional" e "prática".

Os líderes religiosos atuais não são mais designados pela força divina do Espírito Santo. Os "comunicadores do sagrado" têm se transformado em pivôs de novas maneiras de se viver a religião, reformulando-se assim, no âmbito dos veículos de comunicação de massa, antigas formas de religiosidade, agora recombinaadas com outras tendências.

A sociedade pós-moderna passou a exigir um novo perfil de líder religioso, no qual inclui-se o conhecimento prático do *public relations*, a simpatia do *show man* dos programas de auditório das redes de televisão, o calculismo do administrador de empresas, a acuidade de gerente de *marketing*, a capacidade de ouvir e orientar do psicoterapeuta, a facilidade de representação de um ator profissional e a eficiência de um mágico.

Porém, o novo modelo do dirigente religioso ainda traz marcas profundas das atuações representativas das figuras do feiticeiro, do profeta e do sacerdote. Ícones da imagem do líder religioso ao longo do tempo, essas figuras demarcaram a mudança gradual provocada pelos avanços do desenvolvimento da escrita, da oralidade e das novas tecnologias.

Régis Debray faz uma divisão da atuação da imagem, que pode ser aplicada a esses representantes da palavra divina na história da evolução do homem. As figuras do feiticeiro e do profeta aparecem num momento que abrange a oralidade e o início da escrita. É a logosfera e o momento do predomínio do sobrenatural, do espiritual, da idéia de proteção e salvação que o sagrado desperta. Num tempo cíclico, é o momento de transição da magia para a religião.

Já o sacerdote, aparece no que Debray chamou de grafosfera. Um momento histórico que abrange o surgimento da imprensa, a presença do real, além da deleitação e do prestígio. Num tempo linear, é a transição da religião para a história, com enfoque na imortalidade da tradição e na valorização do belo.

A influência do domínio da escrita pode ser exemplificada através do exemplo de Martinho Lutero. Nascido em 1483, na Alemanha, freqüentou boas escolas, inclusive a universidade de Erfurt. Por sugestão do pai começou a estudar Direito, mas decidiu tornar-se monge. Ingressou na Ordem dos Agostinianos e passou a dedicar-se ao estudo da Bíblia. Foi ordenado sacerdote e obteve o grau de doutor em teologia. Atuou como professor na universidade de Wittenberg de 1508 até sua morte, em 1546.

Lutero iniciou sua longa jornada de discordâncias com a Igreja Católica com a publicação das Escrituras: 95 teses mostrando razões pelas quais a prática da venda de indulgências era inaceitável. Pregou o documento na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg. A imprensa escrita já havia sido inventada por Gutemberg e já existiam pessoas que atuavam como jornalistas. O documento, escrito em latim, foi traduzido para o alemão pela imprensa da época e amplamente vendido. Em duas semanas os escritos foram espalhados por toda a Europa.

Os livros escritos posteriormente por Lutero expõem outros fatos considerados por ele abusos da Igreja Católica também se espalharam e venderam muitas publicações em todo o mundo. Lutero foi, então, excomungado. No 60º dia prazo de misericórdia estipulado pela Igreja para que ele pudesse se arrepender, Lutero queimou em uma fogueira todas as leis da Igreja Católica.

Além da escrita, tão bem aplicada no exemplo de Martinho Lutero, podemos destacar como papel fundamental na representatividade religiosa, a oralidade. O jesuíta, pregador, missionário e diplomata, Antônio Vieira, o Padre Vieira, pode representar concretamente o sucesso do uso da oratória na vida religiosa. Ao longo de sua vida, procurou sempre protagonizar os principais acontecimentos políticos, militares, econômicos e

culturais do seu tempo. Viveu e adaptou-se a lugares tão diversos quanto a conturbada Lisboa da Guerra da Restauração, a cosmopolita e opulenta Amsterdã, e o bravio Maranhão.

Padre Vieira deixou uma obra literária notável, que o coloca ao nível dos mais importantes nomes da literatura de sua época. Orador exímio, sempre surpreendia em seus sermões. Transcrevemos um trecho de um dos mais famosos, o sermão da Quarta-feira de Cinzas, proferido no ano de 1670, em Roma, na Igreja de S. Agostinho dos Portugueses:

Eu bem sei que também há deuses na terra, e que esta terra onde estamos foi a pátria comum de todos os deuses, ou próprios, ou estrangeiros. Aqueles deuses eram de diversos metais; estes são de barro, ou cru ou mal cozido, mas deuses. Deuses na grandeza, deuses na majestade, deuses no poder, deuses na adoração, e também deuses no nome. Mas se houver, que pode haver, se houver algum destes deuses que cuide ou diga: Olhe primeiro o que foi e o que há de ser. Se foi Deus, e há de ser Deus, é Deus: eu creio e o adoro; mas se não foi Deus, nem há de ser Deus, se foi pó, e há de ser pó, faça mais caso da sua sepultura que da sua divindade. Assim lho disse e os desenganou o mesmo Deus que lhes chamou deuses: Quem foi pó, seja o que quiser e quanto quiser, é pó.²²

O manuseio das energias do sagrado não é confiado ao capricho: para amansar forças tão temíveis são indispensáveis muitas precauções. Tornam-se necessárias receitas provadas, encantações e palavras-chaves autorizadas e ensinadas pelo próprio Deus, que se cumprem e dele parecem retirar a sua

²² PERMANÊNCIA. Disponível em: <<http://www.permanencia.org.br/vida/vieira.htm>>. Acesso em: 22 out. 2003

eficácia. Recorre-se ao sagrado para se garantir a vitória, a prosperidade, todos os efeitos desejáveis do favor divino.

Nesse sentido, o profeta, nos escritos bíblicos, representa o orador, aquele a quem foi confiada uma missão. Acredita-se que a palavra profeta signifique "aquele que fala como acreditado mensageiro do altíssimo Deus".

Ao examinar as palavras dos profetas na Bíblia é possível perceber que uma de suas mais importantes funções era a interpretação dos fatos passados e presentes. Os profetas não eram, realmente, historiadores, mas foram algumas vezes políticos ativos, bem como diretores religiosos. Além disso, o fato de eles perceberem a significação dos acontecimentos passados e presentes, habilitava-os a conhecer os resultados da vida pessoal e nacional, e a proclamar princípios que tinham um alcance muito amplo.

Os sacerdotes tratavam de coisas rituais, ou melhor, das orações litúrgicas e dos cânticos sagrados. Nos profetas havia algo mais, como uma realização mais completa da vontade de Deus na vida diária, tanto particular como nacional.

Na definição da Bíblia, o sacerdote era *constituído nas coisas concernentes a Deus a favor dos homens*²³. Nesta consideração, a idéia fundamental de sacerdote é a de um

²³ A BÍBLIA Sagrada. 2. ed. rev. atual. 1999: Hebreus: 5, 1

mediador entre o homem e Deus. O sacerdote apresenta-se entre o homem e Deus como aparece o profeta entre Deus e o homem. Trata-se de uma intervenção absolutamente mediática, no sentido de oferecer explicações ou conforto para a impotência do homem diante dos mistérios do sagrado.

A representatividade do líder religioso se encarrega dessa mediação tão almejada pela humanidade ao longo de toda a sua história. A criação dos dogmas pela Igreja Católica é uma das saídas encontradas para as situações em que a figura do dirigente não consegue sanar os questionamentos da comunidade. Nos tempos patriarcais, o chefe da família ou da tribo operava como sacerdote, representando a sua família diante de Deus. Foram assim representados Noé, Abraão, Isaque e Jacó.

Em qualquer uma das atribuições a que nos referimos anteriormente: feiticeiro, profeta e sacerdote, independente de sua origem e de seu ponto de aplicação, o poder sempre aparece como a realização de uma vontade. Ele manifesta a onipotência da palavra; faz com que uma ordem seja executada. Apresenta-se como uma virtude invisível, acrescentada, irresistível, que se manifesta no líder como fonte e princípio de sua autoridade.

O poder, tal como o sagrado, parece uma graça exterior de que o indivíduo é o suporte passageiro. É recebido por investidura, iniciação ou sagração. É perdido por degradação, indignidade ou abuso. (...) Seja qual for

o gênero do poder, laico, militar ou religioso, ele não é mais que a consequência de um consentimento.²⁴

O poder confere à pessoa qualidades novas. Nesse sentido, equivale ao sacerdócio. E o papel do líder religioso desde o início dos tempos tem sido um papel de poder: aquele de quem dependem todos os dons, cuja existência é modelo venerado, o suporte de uma comunidade, que precisa suprir todas as virtudes e todas as grandezas.

Nesse contexto, é possível perceber que o jogo e o sagrado têm muito em comum: a emoção religiosa intensa faz-se acompanhar de uma representação sabidamente fictícia, de um espetáculo que se desempenha conscientemente, mas que não é divertimento. O poder emanado pela palavra proferida em nome de Deus cria um ambiente propício para o desenvolvimento de uma espetacularização do sagrado.

Johan Huizinga afirma que o jogo é uma forma pura, atividade que encontra em si o seu fim, regras que se respeitam apenas por serem regras. O mesmo não acontece com o sagrado que é, pelo contrário, conteúdo puro, força indivisível, equívoca e eficaz. Os ritos servem para captá-la, domesticá-la, administrá-la da melhor forma possível. Perante ela, os esforços do homem permanecem precários e incertos; assim

²⁴ CAILLOIS, R. 1950: p. 88

podemos dizer que ela é sobre-humana por definição. Talvez por isso o homem a venere.

O fiel sente-se invadido pelo sagrado, fonte da onipotência. Ele está desarmado diante dele e à sua completa mercê. No jogo, tudo é humano, inventado pelo homem. E no jogo do poder que vem do Senhor, a religião tem empregado a retórica, tanto quanto outras áreas da vida humana, com a finalidade de persuadir e atrair pessoas para o seu círculo de influência.

As regras determinadas por Huizinga em relação à dinâmica do jogo, se aplicadas ao campo das celebrações religiosas, se mostram eficientes formas de "domesticação" dos fiéis. Os cultos da Igreja Universal do Reino de Deus e as missas da Renovação Carismática Católica parecem instalar-se no tempo mítico, rompendo com o real e estetizando dados e fatos.

O jogo permite a interpenetração das margens do sagrado e do profano, objetiva a ligação de valores intangíveis e projeta um mundo quase virtual. Huizinga faz uma análise do jogo como uma atividade social e nos fornece subsídios para definirmos as regras que regulam as atividades dos líderes religiosos e da platéia de fiéis durante as celebrações.

A primeira regra é o estabelecimento de normas que nortearão os participantes do "jogo do sagrado". A religião é

uma atividade dialógica e, do desempenho dos criadores do espetáculo e de seus consumidores, nasce um rito com regras plenamente aceitas pelos participantes.

A representação necessita de um sentido ordenador, ainda que, muitas vezes sob a aparência de caótico. O resguardo do sentido de justiça é a segunda regra do jogo. A representação depende da lealdade de seus participantes.

Como terceira regra, teremos a "submissão voluntária" às regras assumidas como justas. Existe um acordo tácito entre os participantes que se comprometem através da fé. O rito estabelece as normas comportamentais, a ordenação hierárquica da colocação dos participantes, ainda que subvertendo, no plano da representação, a ordem do "cosmo". O rito tem no jogo o fundamento desta atividade voluntária com papéis previamente definidos.

A quarta regra é um estandarte e uma cruz: o fato de ser uma atividade conscientemente tomada como "não-séria". Ser considerado uma representação e, por conseguinte, um ato ficcional, permite ao espectador ancorar-se na realidade, quando a tensão torna o tempo mítico insuportável. A quebra momentânea do pacto pode atribuir ao que não é real a valoração de "não-sério", ainda que numa representação de extrema

gravidade trágica, e estabelece um antagonismo entre o real e o representado.

A quinta regra invocada por Huizinga está ligada à atividade exterior à vida habitual. Neste ponto, a instauração de um tempo mítico isolado do tempo real e ao abrigo do cotidiano permite à imaginação criadora a recriação estetizada do cotidiano. Esta transformação possibilita o redimensionamento da realidade do dirigente religioso e a identificação sensorial e intelectual da platéia de fiéis.

A capacidade de mergulho dos jogadores é evidenciada na sexta regra deste jogo. Nas cerimônias religiosas, podemos verificar momentos em que os componentes do "espetáculo" são absorvidos de maneira intensa e total. Recorrendo, ainda, a Huizinga, podemos notar que *todo jogo é capaz, a qualquer momento, de absorver inteiramente o jogador.*²⁵

A sétima regra nos mostra que a manifestação religiosa, como jogo, em função do instinto de platéia, assegura ao público o direito de testemunhar o que acontece e traçar regras quanto ao espaço demarcado. Dos rituais primitivos às modernas manifestações na área religiosa existe a necessidade de um campo de ação cênica delimitando funções e intervenções, pois:

... o círculo mágico, o templo, o palco (...) têm todos a forma e a função de terrenos de jogo, isto é,

²⁵ HUIZINGA, J. 1971: p. 11

lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são mundos temporários dentro de um mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial.²⁶

A ausência de significado fora de si é a oitava regra. Os fiéis apresentam formas específicas de se manifestarem durante as celebrações, que não teriam nenhum sentido fora desse contexto.

A nona regra está ligada ao ritual das trocas simbólicas. O jogo, na religião, existe a partir da produção de sentido e de sua constante mutação. Essa regra pode ser percebida através da utilização dos "objetos sagrados" na Igreja Universal e das "ofertas de vida" na Renovação Carismática: a Igreja Universal do Reino de Deus distribui aos fiéis, durante os cultos, objetos que afirma serem dotados de poderes sagrados e nas celebrações da Renovação Carismática Católica é comum a oferta, pelo fiel convertido, de algum objeto que represente o vício que ele está abandonando.

O compromisso radical entre os jogadores é nossa décima regra. A perda do contato com o real faz com que o império da razão desmorone. O líder religioso busca convencer o fiel e o fiel busca ser convencido; para que isto se cumpra, é preciso

²⁶ HUIZINGA, J. 1971: p.13

que reine dentro do domínio do jogo uma ordem específica e absoluta, pois ele cria a ordem e é a ordem.²⁷

A décima-primeira regra mostra o espetáculo religioso como um jogo que depende da participação. E, por fim, a décima-segunda regra, que está ligada à unidade temporal. A religião edita a vida, cortando momentos menores, eliminando os tempos mortos e adensando o que existe de significativo para realçar conflitos. O jogo é realizado num determinado espaço de tempo, quando as regras do cotidiano são suspensas.

Todas estas regras sofrem a sujeição do acaso. O homem, arriscando-se em seu dia-a-dia encontra, na religião, um laboratório que testa as forças humanas diante de desafios sagrados e profanos. E se vê envolvido pela força do discurso religioso.

A retórica estuda, desde Aristóteles, o papel da linguagem verbal e não-verbal na mobilização de pessoas, no influenciar das percepções e na orientação da ação dos agentes numa direção desejada pelos emissores. A retórica de tradição aristotélica centralizava o seu esforço no relacionamento pessoal e físico do orador com o auditório.

A retórica trata da figura da fonte, unidade emissora do processo comunicacional, como "quem fala"; trata da mensagem,

²⁷ HUIZINGA, J. 1971: p. 13

no discurso retórico em "o que se fala"; e do destino, o elemento consumidor da mensagem, no "a quem se fala". Aristóteles estabelece, com esse conceito básico, a relação triádica elementar para o conceito de uma comunicação eficaz.

Percebemos que o discurso é parte importante da construção de uma realidade mediada por palavras e símbolos. Portanto, há "situações retóricas" nas quais as organizações religiosas, especialmente as que são analisadas neste trabalho, desenvolvem "atos retóricos" a fim de convencer seus opositores, comover e persuadir sua audiência através das emoções, assim como agradar, seduzir e levar os receptores a uma adesão ao que lhes está sendo proposto.

A persuasão, objetivo maior de toda retórica, é mais do que um processo racional; tenta-se por intermédio dela levar os destinatários da comunicação a uma mudança de atitudes, comportamentos e idéias. Todo discurso religioso é articulado em contextos sociais específicos, transmitido por locutores, que representam certos aspectos de seu campo, e absorvido por destinatários peculiares; o que nos remete a um tipo de propaganda religiosa, de caráter não imediato.

Régis Debray, diante da complexidade do fenômeno comunicativo, propõe uma disciplina que estude, de uma maneira global, os meios pelos quais uma idéia se torna força material:

a midiologia. Essa proposta inclui um estudo dos meios de comunicação de massa contemporâneos, impressos e eletrônicos, entendidos como meios de difusão maciça: imprensa, rádio, televisão, cinema, publicidade, entre outros. Além desses tópicos, a midiologia estudaria também meios de difusão nem sempre lembrados, tais como: mesa de refeição, sistema de educação, café-bar, púlpito de igreja, sala de biblioteca, e outros espaços alternativos de difusão, vetores de sensibilidades e matrizes de sociabilidades.

Mudanças organizacionais e sistêmicas se refletem no campo religioso e estão ligadas ao surgimento de atos retóricos cuja explicação exige uma superação desse próprio campo. Os discursos religiosos, inclusive os que estão sendo analisados, se relacionam diretamente com as transformações internas e externas da sociedade contemporânea.

Há quem pense que o rádio, a televisão e a Internet, em especial o advento da "cultura da imagem", tenham dado o golpe de misericórdia na velha retórica ou reduzido consideravelmente o poder da palavra. Porém, o que se pode verificar em relação às manifestações religiosas pesquisadas é que as novas tecnologias dos meios de comunicação de massa simplesmente expandiram as paredes do "templo" colocando-o dentro das casas e no interior das pessoas.

Esse contexto abrange mais do que os limites impostos pela retórica antiga ou clássica, pois o advento dos meios de comunicação de massa possibilitou o surgimento de uma relação entre o orador e o público mediada pela tecnologia eletrônica.

Percebe-se, nas manifestações religiosas pós-modernas, a prática de atos retóricos sedutores e persuasivos que reúnem fragmentos de uma rotina despedaçada, formando-se um quadro narrativo que se pretende coerente e integrador. Atualmente, o discursos das organizações, inclusive religiosas, se tornou mais eficiente e agressivo, graças à incorporação dos avanços tecnológicos da mídia televisiva e radiofônica.

Guy Debord afirma ser, o espetáculo, uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária, e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real. O espetáculo pode ser uma verdadeira religião terrena e material, em que o homem se crê governado por algo que, na realidade, ele próprio criou.

... a satisfação denuncia-se como incoerência no momento em que se desloca, em que segue a mudança dos produtos e a das condições gerais de produção. Aquilo que, com o mais perfeito descaramento, afirmou sua própria excelência definitiva transforma-se no espetáculo difuso e também no espetáculo concentrado.²⁸

²⁸ DEBORD, G. 1997, p. 47

Podemos deduzir que aquilo de que o espetáculo deixa de falar é como se não existisse. O indivíduo a quem o pensamento espetacular marca profundamente, em determinadas situações mais do que qualquer outro elemento de sua formação, coloca-se a serviço da ordem estabelecida, ainda que a sua intenção possa ser completamente contrária a esse resultado.

Ele seguirá a linguagem do espetáculo porque é a única que lhe é familiar: aquela em que lhe ensinaram a falar. O "apagamento" da personalidade acompanha as condições da existência submetida às normas espetaculares; uma existência cada vez mais separada das possibilidades de conhecer experiências que sejam autênticas e, através delas, descobrir as suas preferências individuais.

A realidade torna-se uma imagem e as imagens tornam-se realidade; a unidade que falta à vida, recupera-se no plano da imagem. Enquanto a primeira fase do domínio da economia sobre a vida caracterizava-se pela degradação do ser em ter, no espetáculo chegou-se ao reinado soberano do aparecer. As relações entre os homens já não são mediadas apenas pelas coisas, como Marx propôs, mas diretamente pelas imagens.

A imagem não obedece uma lógica própria. A imagem é uma abstração do real e o seu predomínio, o espetáculo, significa um tornar-se abstrato do mundo. A abstração generalizada é uma

conseqüência da sociedade capitalista da mercadoria, da qual o espetáculo é a forma mais desenvolvida.

A mercadoria se baseia no valor de troca, em que todas as qualidades concretas do objeto são anuladas em favor da quantidade abstrata de dinheiro que este apresenta. No espetáculo, a economia deixa de ser um meio e transforma-se num fim, a que os homens submetem-se totalmente. A alienação social alcança, então, o seu ápice: o espetáculo é uma verdadeira religião terrena e material, em que o homem se crê governado por algo que, na realidade, ele próprio criou.

Guy Debord distingue dois tipos de espetáculo: o difundido, encontrado nas sociedades ocidentais, caracteriza-se pela abundância de mercadorias e por uma aparente liberdade de escolha. O concentrado, existente nos regimes totalitários, apresenta uma identificação mágica com a ideologia no poder, o que deve suprir a falta de um real desenvolvimento econômico. Os dois tipos anteriores de espetáculo deram lugar, no mundo todo, a um único tipo: o integrado.

Sob a máscara da democracia, o espetáculo integrado remodelou totalmente a sociedade segundo a própria imagem, pretendendo que nenhuma outra alternativa seja sequer concebível. Nunca o poder foi tão perfeito, pois consegue falsificar tudo, desde o objeto concreto até o pensamento.

Inserido neste cenário, o homem não pode verificar nada pessoalmente. Ao contrário, tem que confiar em imagens e, como se não bastasse, imagens que outros escolheram.

Marx afirmou que, a primeira vista, a sociedade capitalista aparece como uma "imensa coleção de mercadorias". Parafraseando Marx, Debord afirma que

... toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação.²⁹

Nas sociedades modernas, em que o consumo é a última função, todas as relações humanas têm sido impregnadas da racionalidade mercantil. É o motivo por que o que é vivido se afasta cada vez mais numa representação. O fenômeno do espetáculo instaura-se quando a mercadoria vem ocupar totalmente a vida social. É assim que, numa economia mercantil-espetacular, o consumo alienado se junta à produção alienada. O valor de troca das mercadorias acaba por dirigir o seu uso. O consumidor torna-se um consumidor de ilusões.

O panorama religioso da pós-modernidade utiliza-se, em larga escala, dos artifícios e pressupostos da sociedade espetacular. A anulação da personalidade proposta pela teoria do espetáculo transforma a "massa humana" em "rebanho",

²⁹ DEBORD, G. 1997: p. 13

dirigido por um "pastor" geralmente muito perspicaz em sua forma de dimensionar o sacrifício e a recompensa.

Tanto na Igreja Universal do Reino de Deus quanto na Renovação Carismática Católica, a figura do dirigente religioso é delineada pela imagem. A postura do *show man* que sabe direcionar a atenção de uma platéia como ninguém, se alia à confiabilidade do líder que conhece o caminho para se alcançar um diálogo direto com o sagrado.

A sociedade moderna passa a ser compreendida, então, como o reino do espetáculo, da representação do mundo dos objetos e das mercadorias. O espetáculo consagra, assim, toda a glória da aparência. E domina o indivíduo sendo o reflexo fiel da produção das coisas e a objetivação infiel dos produtores.

O espetáculo apresenta-se, geralmente, indiscutível e inacessível. O que ele manifesta é a premissa de que "o que aparece é bom, o que é bom aparece". E exige uma aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve pela sua maneira de aparecer sem réplica, pelo seu monopólio da aparência.

O caráter fundamental do espetáculo decorre do simples fato de os seus meios serem ao mesmo tempo a sua finalidade. Segundo Debord, ele é o sol que não tem poente no império da passividade moderna. Recobre toda a superfície do mundo e banha-se indefinidamente na sua própria glória.

...O espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa. A técnica espetacular não dissipou as nuvens religiosas onde os homens tinham colocado os seus próprios poderes desligados de si: ela ligou-os somente a uma base terrestre. Assim, é a mais terrestre das vidas que se torna opaca e irrespirável. Ela já não reenvia para o céu, mas alberga em si a sua recusa absoluta, o seu falacioso paraíso. O espetáculo é a realização técnica do exílio dos poderes humanos num além: a cisão acabada no interior do homem.³⁰

Sob a sua forma elementar, o sagrado representa pois, acima de tudo, uma energia perigosa, incompreensível, arduamente manejável, eminentemente eficaz.

³⁰ DEBORD, G. 1997: 20

Para quem decida recorrer a ela, o problema consiste em captá-la e utilizá-la da melhor maneira para os seus interesses, sem esquecer de se proteger dos riscos inerentes ao emprego de uma força tão difícil de dominar. Quanto mais a sua intervenção é necessária, mais a sua aplicação é arriscada. Ela não se doma, não se dilui, não se fraciona.

ROGER CAILLOIS

3. A GUERRA SANTA

O crescimento do pentecostalismo e do neopentecostalismo, fenômenos que têm atraído a atenção de estudiosos nos últimos anos, não constitui uma grande surpresa. Determinando como público-alvo as classes pobres, de zonas rurais ou de "primeira geração" em centros urbanos, poderia ser explicado como comportamento esperado de grupos que ainda não passaram por uma elucidação ideológica satisfatória.

O que não se podia prever é que a reação da Igreja Católica a esse fenômeno, através da Renovação Carismática, iniciasse uma disputa tão fervorosa pela captação de novos fiéis. Verificamos um abandono da racionalidade científica e

política e um inesperado voltar-se para opções místicas e para a busca de uma dimensão misteriosa da realidade.

A calma familiaridade com o real que caracteriza a consciência em suas rotinas cotidianas está sendo rompida de forma inesperada. A opção pelo espetáculo de emoções que nos é disponibilizado pela Igreja Universal do Reino de Deus e pela Renovação Carismática Católica indica que o equilíbrio religioso foi definitivamente rompido.

Os dois movimentos religiosos pesquisados pressupõem que a realidade pode se encontrar além dos olhos abertos e além da palavra articulada. E afirmam que o real que está diante dos olhos como objeto e a sua racionalidade verbalizável já não são suficientes para atender aos anseios do indivíduo e da sociedade pós-moderna.

3.1. Igreja Universal do Reino de Deus

O pentecostalismo é um movimento religioso que surgiu nos Estados Unidos no início do século XX. As manifestações oficialmente consideradas pentecostais aconteceram na Escola Bíblica Betel, na cidade de Topeka - Kansas, em 1901. O diretor da escola, Charles Parham, realizou uma série de reuniões de

oração com seus alunos e alguns deles passaram a expressar seus sentimentos em glossolalia, isto é, em "línguas estranhas". Para aquele diretor, o "falar em línguas" era a primeira evidência de que a pessoa havia recebido o "batismo do Espírito Santo".

Esse novo modo de interpretar a fé cristã chegou a Los Angeles, onde se estabeleceu num antigo templo metodista com o nome "Igreja Apostólica da Fé". De lá, o movimento se expandiu para todo o país e para todos os lugares do mundo onde havia missionários protestantes norte-americanos.

Vindos de Chicago, os suecos Daniel Berg e Gunner Vingren, de origem batista, fundaram em Belém - PA, em 1911, a Igreja Assembléia de Deus e o ítalo-americano, Luigi Francescon, fundou em São Paulo e Santo Antonio de Platina, a Congregação Cristã do Brasil, em 1910.

Nos anos 50 e 60 surgiram as primeiras igrejas pentecostais fundadas por líderes brasileiros, entre elas a Igreja Pentecostal "O Brasil para Cristo", em 1956, e a Igreja Pentecostal "Deus é Amor", em 1961.

Desde 1906, o movimento pentecostal se irradiou, dando origem, em várias partes do mundo, a "grupos pentecostais". Portanto, seguindo o critério histórico, pentecostais são todos aqueles que, vindos de classes sociais mais baixas, aderiram

aos grupos religiosos, que fizeram da experiência mística, o seu caráter distintivo.

Nos Estados Unidos, a expressão "movimento carismático" é utilizada para caracterizar grupos semelhantes aos pentecostais. Essa expressão, às vezes, é empregada indistintamente para designar todos aqueles que, mesmo não fazendo parte das denominações pentecostais e até recusando o aspecto distintivo da glossolalia, se consideram ligados às experiências com o Espírito Santo.

Tais pessoas são oriundas de camadas mais altas do estrato social, geralmente classes médias, e eclesiasticamente ainda mantém alguma vinculação com as denominações históricas do país. Muitos desses grupos desenvolveram teologias próprias, métodos peculiares de evangelização e de organização, assim como padrões flexíveis e entusiásticos de liturgias, provocados, talvez, pela diversidade de origens dos grupos que aderiram ao pentecostalismo.

Atribui-se o termo neopentecostalismo a manifestações religiosas de pessoas com mentalidade pentecostal, mas que se consideram adeptas de uma "renovação espiritual". De uma maneira geral, o neopentecostalismo enfatiza o exorcismo, cura divina, dons espirituais, continuidade da revelação divina

através de líderes carismáticos, além de uma parte dele aceitar a "teologia da prosperidade".

O neopentecostalismo ganhou força no mundo religioso norte-americano nos anos 70, período em que também começou a penetrar na América Latina, provocando o surgimento de novas igrejas, seitas e denominações, assim como cisões nas principais denominações protestantes brasileiras, entre elas, metodista, batista, presbiteriana e congregacional.

A Igreja Universal do Reino de Deus, de caráter neopentecostal, possui uma história muito recente se comparada a de outras entidades religiosas. Foi fundada no Rio de Janeiro em julho de 1977, por Edir Macedo, um ex-funcionário da Lotérica do Estado do Rio de Janeiro que tinha acompanhado alguns cursos de teologia. Essa Igreja se tornou um empreendimento marcado por um crescimento expresso em altos índices de adesão de fiéis e de arrecadação financeira.

A expansão da Universal, que começou suas reuniões num salão comercial que antes sediara uma empresa funerária, trouxe ao palco do campo religioso brasileiro um novo tipo de "vivência da fé".

A Rede Record de Televisão, comprada pelo Bispo Edir Macedo em 1989, é, atualmente, o principal veículo de divulgação da Igreja Universal do Reino de Deus.

3.2. Renovação Carismática Católica

A Renovação Carismática surgiu na Igreja Católica no momento em que se começava a procurar caminhos para colocar em prática a "Renovação da Igreja" desejada, ordenada e inaugurada pelo Concílio Vaticano II.

Em 25 de janeiro de 1959, João XXIII anunciava seu propósito de convocar um Concílio Ecumênico e o convocou solenemente em 25 de dezembro de 1961, mediante a Constituição Apostólica "Humanae Salutis". Depois de quatro etapas conciliares, Paulo VI encerrou o Concílio Ecumênico Vaticano II em uma cerimônia ao ar livre, na Praça de São Pedro, no dia 8 de dezembro de 1965. Não se havia passado um ano do término do Concílio quando, em 1966 começou a despontar o fenômeno religioso chamado, atualmente, de Renovação Carismática Católica.

Em 1990, a Igreja Católica reconheceu dois fatos bastante negativos para ela: a explosão neopentecostal e o afastamento de seus fiéis. Crescia a quantidade de católicos tidos como não praticantes; aqueles que não freqüentam os ritos e sacramentos e não seguem os preceitos religiosos na vida cotidiana.

Reconhecida a crise, a Igreja Católica passou a debater explicitamente as formas de manutenção de sua soberania no cenário religioso e da recuperação de sua influência moral perante a sociedade.

Em agosto de 1995, o Seminário da Pontifícia Comissão para a América Latina, realizado em Petrópolis - RJ, discutiu uma "ação evangelizadora da família diante do desafio das seitas". A partir da 2ª Conferência Geral da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina e da 17ª Assembléia da Conferência dos Religiosos do Brasil, ambas ocorridas em julho de 1996, o episcopado católico, aconselhado por estudiosos da religião, passou a não mais designar as denominações evangélicas como seitas.

Em dezembro de 1996 foi lançado o projeto "Rumo ao Novo Milênio", um documento que apontava claramente o objetivo de aumentar o número de católicos praticantes, ressaltando que a adesão religiosa não deveria mais ser uma mera herança familiar, dadas as possibilidades de fé ao alcance das pessoas.

Crescia a adesão à proposta de uma liturgia festiva, de linguagem simples e, portanto, mais facilmente compreensível pelas camadas populares. De modo difuso e fragmentado, a Igreja Católica procurava aprender com a concorrência neopentecostal. Práticas mágicas, de grande penetração na população brasileira,

passaram a ser reintroduzidas ou revalorizadas pelo catolicismo dos clérigos e, até mesmo, pelo catolicismo oficial.

A Renovação Carismática é o movimento organizado eleito pela Igreja Católica como trunfo para reavivar o catolicismo. Nas décadas de 70 e 80 a Renovação encontrou fortes resistências da parte do clero conservador, bem como da ala progressista simpatizante da "Teologia da Libertação". Mas, começou a ganhar terreno quando a "Teologia da Libertação" iniciou uma perda de forças para sua expansão e manutenção.

A Canção Nova, adepta da Renovação Carismática e liderada pelo Padre Jonas Abib, é uma comunidade católica que tem como objetivo principal "a evangelização através dos meios de comunicação": TV, rádio, internet e outros produtos, como livros e vídeos. Sua sede principal fica na cidade de Cachoeira Paulista - SP, onde são realizados os "acampamentos de oração" que atraem fiéis de todo o Brasil.

A TV Canção Nova, uma das principais redes televisivas de divulgação da Renovação Carismática Católica, de propriedade da Canção Nova, foi fundada em 8 de dezembro de 1989 e possui abrangência nacional e internacional. Atualmente, tem quatro geradoras instaladas em Cachoeira Paulista - Sp, Brasília - DF, Aracaju - SE e Belo Horizonte - MG. A programação da TV Canção Nova abrange diferentes gêneros e formatos: informação, saúde,

cultura, educação, entretenimento e, principalmente, formação cristã e espiritualidade.

3.3. Estratégias

...na urgência, não se pode pensar. (...) o certo é que há um elo entre o pensamento e o tempo.³¹

A relação entre um campo religioso e a sociedade está diretamente ligada a um contexto sócio-cultural. Pressupomos que o processo de globalização, em seu aspecto econômico e cultural, provocou sérias mudanças no universo religioso exigindo que as organizações, instituições e movimentos adaptassem suas maneiras de funcionar e de cooptar adeptos.

Até então, as organizações religiosas funcionavam atreladas à tradição, principal forma de transmissão de valores e práticas relativas ao universo do sagrado. Após as mudanças provocadas pela globalização, as pessoas deixaram de orientar suas ações pelos programas embutidos nas instituições tradicionais e se tornaram dependentes da mídia como fonte de modelos para "regular" seus comportamentos. Por isso, é impossível pesquisar o drama social, as relações humanas ao

³¹ BOURDIEU, P. 1997: p. 39

redor do sagrado e as trocas dos bens religiosos, sem uma breve análise do papel desempenhado pela propaganda e pela publicidade na montagem dos sistemas religiosos pós-modernos.

A Igreja Universal do Reino de Deus e a Renovação Carismática Católica se constituíram como movimentos religiosos num contexto de globalização que tornou imprescindível o emprego da propaganda e da publicidade em seu processo de expansão.

E a propaganda existe exatamente porque há conflitos entre grupos e visões de mundo diferenciadas. Sem tais conflitos, não haveria necessidade de se elaborarem técnicas para conquistar outras pessoas para uma determinada atitude ou visão, tidas como verdadeiras e, muitas vezes, únicas.

Herbert Blumer utiliza o termo "massa" para indicar um grupo coletivo elementar e espontâneo, em muitos aspectos semelhante à multidão e fundamentalmente diferente em outros sentidos. A partir dessa caracterização, percebemos que a massa é destituída das características de uma sociedade ou de uma comunidade. Não possui organização social, costumes e tradição, um corpo estabelecido de regras ou rituais, nem qualquer liderança institucionalizada.

Na verdade, é constituída por um agregado de indivíduos que se encontram separados, desligados, anônimos e, mesmo

assim, formando um grupo homogêneo em termos de comportamento da massa, que, justamente por não resultar de regras ou expectativas preestabelecidas, é espontâneo, inato e elementar.

Blumer utiliza o termo "público" para designar um grupo de pessoas que estão envolvidas em uma dada questão, que se encontram divididas em suas posições diante dessa questão e que discutem a respeito do problema.

Refere-se ao público como um agrupamento elementar e espontâneo porque passa a ter existência não como resultado de um desejo, mas enquanto resposta natural a um determinado tipo de situação. O simples fato de sua existência basear-se na presença de uma questão indica que o público não existe como um grupo estabelecido e que seu comportamento não é determinado por tradições ou padrões culturais.

Não há necessidade de propaganda religiosa, quando existe uma situação de monopólio ou de estabilidade no campo religioso. Acreditamos que ela surge quando há pluralismo, conflito e formas diferenciadas de se organizar a vida. Fazer propaganda implica no reconhecimento da insuficiência da mera informação sobre as qualidades deste ou daquele produto, idéia ou sistema de crenças; assim como também significa explicitar como evidente o colapso das formas até então vigentes de transmissão de valores.

A propaganda se manifesta quase sempre quando se constata haver uma guerra pela fidelidade do público que precisa ser persuadido a mudar seus hábitos ou opções. Por essa razão, é fácil observar que a propaganda se tornou, em nossa época, um elemento fundamental nas atividades das organizações religiosas.

A propaganda religiosa, amplamente utilizada pela Igreja Universal do Reino de Deus e pela Renovação Carismática Católica, tem por objetivo delimitar, classificar e hierarquizar o mundo da vida, assinalar os marcos fronteiriços entre as "províncias de significado", além de indicar as metas que devem ser atingidas e os "inimigos" que devem ser combatidos.

Nos sistemas religiosos, a propaganda tende a desempenhar função semelhante ao do sangue no corpo humano, fazendo circular a mensagem do centro às extremidades. Daí a necessidade de se adquirir espaço na mídia e de se comprar emissoras de rádio e televisão. Isso reforça o que diz Baudrillard:

... hoje é preciso produzir os consumidores, é preciso produzir a própria demanda, e essa produção é infinitamente mais custosa do que a das mercadorias.³²

³² BAUDRILLARD, J. apud CAMPOS, L. S. 1997: p. 242

Fazer publicidade, por outro lado, implica no reconhecimento do mundo como um mercado de trocas, no qual os produtos são comprados e os serviços contratados. A publicidade procura valorizar efetivamente um produto, com o objetivo de tornar a sua aquisição um ato inevitável e indesculpável por parte do consumidor. Para que isso ocorra atribuem-se aos produtos, em muitas situações, valores adicionais, imagens que os diferenciem dos concorrentes, oferecendo às pessoas o consumo, não do objeto em si, mas do signo que o substitui.

Aplica-se usualmente o termo publicidade às atividades comerciais que envolvem a divulgação ou venda de um determinado produto no mercado, reservando-se a palavra propaganda para as técnicas voltadas à mudança de idéias, comportamentos e sentimentos, principalmente no que se refere às crenças religiosas, ideológicas ou políticas.

O Cristo que salva, que desafia, que realiza milagres por atacado, surge no âmbito da "mercantilização" do sagrado como um produto publicitário. Um produto que faz parte do universo de uma propaganda global, mas que parece ser apresentado como objeto de consumo imediato. "Só Cristo salva!": o slogan de direcionamento perfeito, que aponta a forma mais eficaz de solucionar as necessidades urgentes do indivíduo, através de um

contato mágico com a decisão poderosa do sagrado que tem a capacidade de tudo transformar.

Ao diferenciar os produtos por meio de uma linguagem própria, a publicidade cria o público, reúne os consumidores ao redor de seu produto e proporciona intercâmbios entre produtores e consumidores, isto é, constrói uma rede entre eles.

É importante ressaltar a aproximação dos interessados na troca, ou seja, a forma como a publicidade liga os desejos, necessidades, sonhos e fantasias dos consumidores, às promessas de que o produto apresentado irá realizá-los plenamente. Esses elementos de adequação cultural estão presentes na Igreja Universal do Reino de Deus e na Renovação Carismática Católica, movimentos produtores de bens simbólicos e serviços religiosos, com um público carente de tais bens e serviços. É através da linguagem publicitária e do esforço de propaganda que buscam atrair a atenção, reunir o seu público e divulgar suas formas de lidar com as aflições do povo.

Os sistemas de mídia estão direcionados para persuadir e convencer os destinatários, para despertar a atenção do público-alvo para os produtos anunciados e desvendar o desejo de adquiri-los nos "pontos de venda" onde são encontrados.

As estratégias de persuasão atuais enfatizam o poder da mídia religiosa através da valorização excessiva do papel do líder e do posicionamento nas fronteiras entre a realidade e os desejos e sonhos de um público ávido por realizá-los. Num mundo em que o mercado torna-se uma das principais forças reguladoras, a tradição torna-se insuficiente para orientar a cultura.

Então, aumenta cada vez mais a importância da mídia no processo de reestruturação do campo religioso e cultural, como um conjunto de receitas determinadoras do comportamento humano. Nesse sentido, a mídia, através de seu caráter instantâneo de velocidade, ocasiona rupturas no tempo do indivíduo. Assim, elimina o rito para dar lugar ao evento espetacular determinado.

Pode-se afirmar que há uma mudança substancial na visão de mundo das pessoas ao passarem do círculo cultural do falar e ouvir para um outro que privilegia a visão e a imagem gerada e distribuída pelos meios eletrônicos de comunicação.

A imagem do pastor da Igreja Universal do Reino de Deus e do padre da Renovação Carismática Católica tem a particularidade de poder produzir um efeito real. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização e pode fazer existir, para um grupo determinado, idéias ou representações específicas.

Essa espécie de jogo de espelhos refletindo-se mutuamente produz, quase sempre, um efeito de barreira, de fechamento mental.

Trata-se da videosfera caracterizada por Régis Debray. O regime visual; a simulação como princípio da realidade; a modalidade ritual da existência; a importância do caráter performático dos "espetáculos" com o objetivo da transmissão da informação e a expectativa do jogo nos quais a imagem é captada; o tempo individualizado do contexto histórico; a utilização do novo, do elemento que surpreende; além da exploração do lúdico, são elementos que integram essa modalidade de comportamento humano na pós-modernidade.

Os movimentos religiosos pesquisados apresentam um intercâmbio entre a oralidade e a grafosfera, cultura da escrita. Os pastores e os padres carismáticos como condutores de uma cultura oral, são conhecidos mais por suas habilidades de mover e agitar emocionalmente a congregação do que por seus conhecimentos ou seu nível cultural.

A maior parte da história da expansão da fé cristã se deu num mundo dominado pela cultura oral, quando o privilégio do domínio das letras era reservado a poucos, entre eles os clérigos. A Igreja estabeleceu ao redor da palavra fundadora, princípio de tudo, uma cultura que pretendia equilibrar a ação

dos pregadores, dos recitadores e trovadores, com uma rede de tradições cuja voz era registrada nos livros pelos copistas. Assim, durante toda a Idade Média, a retórica do púlpito, das festas, dos palcos e mosteiros conviveu com os manuscritos. Podemos deduzir que os evangelhos são resultantes da ação propagandística das primeiras comunidades cristãs.

Leonildo Silveira Campos fala sobre o processo de formação do cristianismo, que teve empregados em seu direcionamento católico, tanto a retórica como símbolos, amplamente conhecidos de seus receptores, aos quais se deram novos significados.

Podemos afirmar que contribuiu também para a propagação do catolicismo, a adoção de uma organização simples e prática, com a atribuição de tarefas entre os primeiros seguidores de Jesus de Nazaré, em um clima de pouca ostentação. Porém, com o surgimento de cargos e funções, iniciava-se o processo de institucionalização.

Verifica-se, atualmente, o reconhecimento da mutabilidade histórica das carências humanas, assim como de um esforço para uma melhor adequação dos bens e produtos às necessidades do público-alvo e a aceitação de que é possível interferir nos processos de busca de soluções para determinadas demandas.

O homem, porque vive em sociedade, em processo de interação simbólica com seus semelhantes, possui, além das necessidades instintivas, outras tantas de ordem social e psicológica geradas culturalmente. Podemos destacar as necessidades de segurança, as necessidades afetivas, as necessidades de estima e reconhecimento, além das necessidades de auto-realização. A privação de uma dessas necessidades do indivíduo pode causar desequilíbrios e tensões; o que deve estimular, por parte das instituições religiosas, medidas destinadas a superá-las.

As instituições sociais, inclusive as religiosas, surgem para suprir essas necessidades e provocar o aparecimento de interesses, cujo atendimento gera práticas especializadas na solução permanente de carências. Tradicionalmente, no ocidente, as instituições religiosas seculares sempre funcionaram como locais onde as necessidades espirituais da população eram atendidas. Nesse sentido, as instituições podem nascer da imperiosa exigência de atendimento das necessidades humanas porque necessidades insatisfeitas impulsionam as pessoas em direção a promessas de soluções.

Sejam, portanto, quais forem as maneiras de se classificar as necessidades humanas, não podemos deixar de ressaltar que as instituições existem para o atendimento delas, principalmente

das demandas reprimidas. Inclusive, o sucesso institucional é medido pelo número de interessados atraídos por suas atividades e discursos.

Harold Lasswell afirma que no mito de qualquer grupo um componente é invariavelmente encontrado: a justificação e localização de autoridade. O termo ideologia, segundo ele, passou a ser usado para designar esta parte do mito. Podemos considerar que a Igreja Universal do Reino de Deus e a Renovação Carismática Católica constituem-se mitos religiosos na medida em que:

... Todo o conjunto de crenças existente em determinada época geralmente pode ser referido a algumas premissas fundamentais, as quais, naquele momento, quer sejam verdadeiras ou falsas, são universalmente aceitas como verdadeiras, e com tanta confiança que nem mesmo parecem manter seu caráter de premissas.³³

A linguagem do poder, que determina a autoridade do pastor da Igreja Universal do Reino de Deus e do padre da Renovação Carismática Católica, tem se mostrado um tópico atraente desde os tempos clássicos até os dias de hoje. O ser humano sempre demonstrou fascínio pelos diferentes usos da linguagem tratando-a, seja como um meio de expressão artística ou um agente de persuasão.

³³ LASSWELL, H. 1982: p. 12

Nesse processo, a linguagem e a retórica têm importância fundamental. Aristóteles, em *Arte Retórica* e *Arte Poética*, afirma que alguns elementos são essenciais à retórica e devem constituir o objeto da atenção dos oradores: a força da voz, a harmonia e o ritmo. Em se tratando de discurso, se o objeto não se tornar manifesto, a missão do orador não será cumprida. Além disso, a utilização da imagem comparativa e da metáfora pode tornar um discurso muito mais atraente.

Em relação ao estilo, o orador terá a conveniência desejada, se exprimir as paixões e se estiver intimamente relacionado com o assunto objetivado.

... Neste caso o ânimo do ouvinte conclui falsamente que o orador exprime a verdade, porque em tais circunstâncias os homens são animados de sentimentos que parecem ser os seus; e mesmo que assim não seja, os ouvintes pensam que as coisas são como o orador as diz. (...) Por isso muitos oradores impressionam o ânimo dos ouvintes, fazendo simplesmente ruído. A demonstração pelos sinais pode servir igualmente para mostrar os caracteres, atendendo a que há um estilo apropriado a cada gênero e a cada disposição.³⁴

Nesse sentido, quanto maior for o conteúdo da frase, mais espirituosa ela é; se as palavras são metafóricas, se a metáfora é satisfatória e se há antíteses, o resultado pode ser ainda melhor. Quanto às imagens comparativas inseridas no discurso; são sempre, de algum modo, apreciadas.

³⁴ ARISTÓTELES. s/d: p. 222

A exploração da imagem dos adversários de Deus, utilizada pela Igreja Universal do Reino de Deus e pela Renovação Carismática Católica, podem ser analisadas tomando-se por parâmetro a peroração, apresentada por Aristóteles, e que compõe-se de quatro partes: dispor bem o ouvinte a seu favor e dispô-lo mal para com o adversário; amplificar ou atenuar o que se disse; excitar as paixões no ouvinte e proceder uma recapitulação.

Depois de ter demonstrado a verdade de suas afirmações e a falsidade das do adversário, o orador passa a louvar, censurar e a dar o último retoque a sua obra.

... Depois de estabelecida claramente a natureza e importância dos fatos, é mister levar o ouvinte a sentir paixões; estas paixões são: a compaixão, a indignação, a cólera, o ódio, a inveja, a cobiça e o espírito de contestação. (...) para que o discurso seja fácil de seguir, são necessárias muitas repetições. (...) O início da peroração consistirá em declarar que cumprimos o que tínhamos prometido; por conseguinte, devemos relembrar os fatos e as razões invocadas. Expressamos umas e outras por meio da comparação e confronto com os fatos e razões do adversário.³⁵

As características da juventude também são utilizadas como estratégias de persuasão nos movimentos religiosos pesquisados. Aristóteles fala também sobre as características da juventude que podem justificar os investimentos realizados nesse sentido pela Igreja Universal do Reino de Deus e pela Renovação

³⁵ ARISTÓTELES, s/d: p. 268

Carismática Católica. Assim, os jovens propensos aos desejos e capazes de fazer o que desejam, geralmente deixam-se arrastar por impulsos.

... São também crédulos, porque não foram todavia vítimas de muitos logros. Estão cheios de sorridentes esperanças; assemelham-se aos que beberam muito vinho, sentem calor como estes, mas por efeito de seu natural e porque não suportaram ainda muitos contratempos. Vivem, a maior parte do tempo, de esperança, porque esta se refere ao porvir e a recordação ao passado; e para a juventude o porvir é longo, e o passado, curto. (...) É fácil enganar os jovens, pela razão que dissemos, pois esperam facilmente.³⁶

Na Idade Média, a imensa importância da comunicação verbal na vida cotidiana reflete-se no número de obras dedicadas aos sermões. Como o propósito dos sermões muitas vezes transcendia os limites imediatos da cerimônia ou da instrução religiosa, a oratória eclesiástica sempre teve muita relevância.

Com o advento da imprensa na Europa, no século XVI, a literatura acerca da retórica gradualmente passa a se interessar pelo uso da palavra escrita. No século XX, duas invenções, o cinema e o rádio, mais uma vez conferem lugar de destaque à voz e ao gesto. Mais recentemente, a expansão da

³⁶ ARISTÓTELES, s/d: p. 153

empresa privada deu origem a um grande volume de material sobre a arte de vender. Em geral, à medida que a população se multiplica e as atividades se tornam mais especializadas, maior atenção é dada ao controle das ações dos indivíduos.

E para obter esse controle, no âmbito do sagrado, é preciso estabelecer estratégias. E encontrar a melhor forma de aplicá-las. É o que têm feito, com considerável sucesso, a Igreja Universal do Reino de Deus e a Renovação Carismática Católica.

3.4. A visão espetacular

Para as massas, o Reino de Deus sempre esteve sobre a terra, na imanência pagã das imagens, no espetáculo que a Igreja lhes oferecia. Desvio fantástico do princípio religioso. As massas absorveram a religião na prática sacrílega e espetacular que adotaram (...). Nenhuma força pôde convertê-las à seriedade dos conteúdos, nem mesmo à seriedade do código(...) elas querem apenas signos, elas idolatram o jogo dos signos e de estereótipos(...) desde que eles se transformem numa seqüência espetacular...³⁷

Podemos afirmar que os cultos da Igreja Universal do Reino de Deus e as missas da Renovação Carismática Católica são espetáculos a serem assistidos e participados pelos presentes.

³⁷ BAUDRILLARD, J. apud CAMPOS, L. S. 1997: P. 61

Nas cerimônias do dois movimentos pesquisados, a marcação, as luzes e os atores são elementos que se unem num festival de ações, gestos e palavras, mediados pela música e pelo ritmo, em uma peculiar exteriorização do sagrado. No decorrer da cerimônia, o espaço litúrgico se transforma num verdadeiro espetáculo, onde o sagrado é constituído socialmente por todos os atores, indistintamente posicionados no palco ou na platéia.

Nesse sentido, é possível realizar uma comparação com uma referência do Padre Vieira, que afirmava que muitos sermões de sua época eram *comédia, porque os ouvintes vêm à pregação como à comédia; e há pregadores que vêm ao púlpito como comediantes*³⁸. Vieira, nesse sermão, referia-se à idéia corrente na época, de que o gênero da comédia havia acabado em Portugal; idéia que ele contestava dizendo que não havia acabado, apenas havia passado do teatro para o púlpito.

Parece ser essa a característica marcante dos cultos da IURD e da RCC: o espetáculo adentra os espaços sagrados, em cenários que não delimitam características místicas, mas se detém em efetivar o fácil acesso da comunicação de massa ao público destinatário de uma determinada mensagem.

Grande parte das pessoas que procuram as religiões em momentos de aflição não está familiarizada com a terminologia e

³⁸ GOMES, E. 1972: p. 120

o conteúdo doutrinário dominados pelos que já têm uma vivência religiosa interiorizada. Para esse contingente "inesperado", faz sentido e tem efeito atrativo uma mensagem simples e direta. A música e a dança se encaixam perfeitamente nesse contexto afinal, os dois movimentos parecem ter descoberto que o prazer pode não representar, necessariamente, pecado.

A música e a dança já ditam os ritos religiosos há tempos. Em II Samuel, na Bíblia, podemos encontrar a passagem que fala sobre a dança de Davi para Deus:

Quando a arca do Senhor entrava na cidade de Davi, Mical, a filha de Saul, estava olhando pela janela. E vendo o Rei Davi, que ia saltando e dançando diante do Senhor, o desprezou no seu coração.³⁹

O que se começou a fazer nos últimos anos foi trazer ritmos, coreografias e práticas mundanas para o universo do sagrado. Elementos do mundo secularizado são assimilados pelos movimentos religiosos, que modificam apenas algumas de suas formas e de seu conteúdo. Por isso, podemos encontrar acampamentos, rodeios, barzinhos, quadrilhas, carnavais, aeróbicas; tudo "de Jesus".

As cerimônias da IURD e da RCC são fortemente expressivas e sensitivas porque nelas se valoriza o visual e o auditivo, reservando-se o tato apenas para alguns rituais como a

³⁹ A BÍBLIA Sagrada. 2. ed. rev. atual. 1999: II Samuel 6: 16

imposição das mãos; seja para abençoar, ungir com óleo, curar, exorcizar, ou para o abraço entre "irmãos de fé".

O espaço cênico está sempre ligado a um contexto geográfico no qual se localizam os templos ou igrejas, locais onde se dá a interação entre os atores, objetos e símbolos. Os locais onde se realizam as cerimônias da Igreja Universal do Reino de Deus e da Renovação Carismática Católica, no caso do último movimento citado, em especial a comunidade da Canção Nova, se assemelham muito mais a um salão comercial, cinema ou teatro do que aos modelos arquitetônicos até então utilizados para vivenciar o sagrado.

Internamente, o espaço é dividido entre palco e platéia. No centro, dominando a paisagem está o palco-altar, ornamentado pelos objetos que, isolados ou conjuntamente, também desempenham funções estratégicas.

Verificamos o uso, com sucesso, da linguagem simbólica para transpor os limites da experiência imediata e avançar para além do visível. Com isso, dois níveis de significação se interligam, o material e o simbólico, propiciando uma linguagem inteligível a pessoas procedentes de várias culturas, desenvolvendo-se, dessa forma, um tipo de religião montada pelos anseios dos próprios fiéis.

A construção da linguagem utilizada pela IURD e pela RCC é facilitada pela disseminação de uma cultura globalizada, mais ou menos homogeneizada, levada a todos os recantos do mundo por intermédio dos veículos de comunicação de massa.

O sucesso desse tipo de mensagem é maior ou menor, na medida em que faz descobrir os símbolos das culturas locais, e estabelece com eles uma conexão. Uma vez descoberta a demanda, rapidamente se estabelece um processo de comunicação no qual os símbolos são polissêmicos, intuitivamente captáveis, sugerindo várias leituras simultâneas e criando condições para pessoas com visões diferenciadas conviverem numa mesma comunidade religiosa, afetiva ou de idéias.

A ênfase nos símbolos, metáforas e alegorias parece ter levado a IURD e a RCC a se distanciarem da leitura literal da Bíblia. Apesar de ocupar lugar de destaque em toda a dramatização a Bíblia parece representar, para os pastores e sacerdotes dos movimentos pesquisados, uma fonte infindável de símbolos, alegorias e cenas dramáticas, que podem ser aplicados ao contexto particular de cada indivíduo.

Por privilegiar os sentidos, o culto da Igreja Universal do Reino de Deus inclui em sua prática litúrgica sinais visíveis da graça invisível, inserindo expressões rituais e

gestos relativamente originais para pontuar o tempo litúrgico, como também propõe novos eventos e ciclos de festas religiosas.

Assim, surge na IURD um calendário litúrgico centrado em campanhas de fé, eventos sazonais mais amplos que contêm as correntes de fé, uma atividade diária na vida ritual da Igreja. Verificamos, ainda, a tendência ao uso de símbolos universais como água, ar, terra e fogo.

A participação dos fiéis em rituais desenvolvidos nos cultos da Igreja Universal parece provocar sensações quase inebriantes de satisfação e de alegria.

Aparentemente ninguém sai frustrado de um culto pentecostal, por mais que se conheça o ritual, os cânticos e a mensagem. O que se espera que aconteça no púlpito (no palco) é apenas o primeiro ato. Depois, todo o auditório se transforma no palco da ação. Ou há uma inversão: o líder se transforma em assistente, em espectador do êxtase que toma as almas e os corpos de um plenário sempre lotado, manifestação coletiva e pessoal. Cada um para si e Deus para todos. Desde a chegada, tudo é submissão; mas na saída o que conta é a missão.⁴⁰

A Igreja Universal do Reino de Deus e a Renovação Carismática Católica estimulam um tipo de religiosidade que facilita o cruzamento, em determinados momentos, das fronteiras flexíveis da religião e da magia. Talvez, a opção pela satisfação das necessidades e desejos dos que procuram seus templos e igrejas provoque o surgimento de uma atividade

⁴⁰ CESAR, W. 1992: p. 48

pastoral-mágica. Por causa dessa ênfase, o ideal é que os pastores e padres descubram em que as pessoas crêem para, a partir dessa crença, realizar um trabalho pedagógico de aproximação. Nesse sentido, a demanda sobre determinados bens simbólicos no campo religioso representa a possibilidade da satisfação dos desejos e ânsias do homem pós-moderno.

Daí, o emprego nos templos da Igreja Universal do Reino de Deus de alguns objetos como "água abençoada", "óleo ungido", "manto consagrado", "mesa branca energizada", "rosa ungida", "areia do deserto do Sinai" entre outros elementos, aos quais se atribuem eficácia mágica. Os fiéis crêem que tais objetos têm a capacidade de proteger a casa, o indivíduo e as relações sociais de todos os males atribuídos e personalizados na figura do demônio.

No caso da Renovação Carismática Católica, a apresentação de objetos considerados detentores dessa eficácia mágica é menos freqüente, apesar de se verificar essa prática em determinadas circunstâncias como uma tentativa de responder às demandas dos fiéis de modo heterogêneo, de acordo com as especificidades locais e o carisma de seus líderes, em especial os sacerdotes.

A RCC tem feito uso de elementos do catolicismo tradicional mantendo, muitas vezes, um discurso arcaico se

comparado às práticas neopentecostais. O resgate e a reelaboração de símbolos e práticas como a reza do terço, as novenas e a procissão com o ostensório portando a hóstia sagrada, o Santíssimo Sacramento, que representa o próprio Jesus Cristo, são sintomas da influência do tradicionalismo. Nas missas de libertação, a procissão do Santíssimo pela igreja, conduzido pelo padre, é o momento de êxtase maior.

A promessa de cura, que tem papel fundamental na Igreja Universal é importante também na Renovação Carismática. As missas de libertação, celebrações em que se enfatiza a cura, junto com as reuniões dos grupos de oração e os cenáculos, são os pilares da vida religiosa carismática. Apesar de o demônio também figurar no imaginário dos católicos carismáticos, não se atribui nitidamente a causa do mal a uma figura externa ao indivíduo.

Na RCC o mal é tido como desequilíbrio do próprio indivíduo por distorção, limitação ou ausência de fé. Muitas doenças físicas são concebidas como decorrência de problemas psíquicos, para os quais a fé carismática seria o antídoto.

Os dois movimentos religiosos pesquisados são empreendimentos religiosos ligados ao surgimento de um quadro cultural em que as ferramentas de marketing desempenham um importante papel. Por isso, verificamos que a Igreja Universal

do Reino de Deus e a Renovação Carismática Católica não possuem um conjunto de produtos a serem impingidos, de qualquer forma, para públicos indiferenciados. Ao contrário, procuram conhecer as demandas de um público específico, segmentam e escolhem os grupos que desejam satisfazer com intensidade e oferecem-lhes produtos diferenciados.

Alguns dos "novos membros", em relação aos dois movimentos pesquisados, contam a história de sua trajetória de vida até a conversão, para ser inserida na programação televisiva da Rede Record e da TV Canção Nova em forma de depoimentos que contribuem no processo de atração dos novos fiéis que ainda não tiveram a oportunidade de receber os benefícios descobertos pelo novo convertido.

"Bens religiosos" como salvação, cura, libertação das culpas, sentido para a vida e outros mais, são produzidos graças à instrumentalidade de pastores e padres colocados à disposição de um público que, convocado ao espetáculo do sagrado, se dispõem a adquirir tais produtos. Uma vez descoberto o que uma massa deseja por meio de seus vários segmentos, o passo seguinte é procurar oferecer às pessoas o que elas estão ansiosas para adquirir.

O investimento em emissoras de rádio e de televisão se tornou mais um elemento no processo de diferenciação da maneira

de agir no mercado de bens simbólicos. Esse crescimento afetou as relações de força, não somente no campo religioso, como também no campo das comunicações.

Diante disso, podemos concluir que a autonomia do campo religioso se torna cada vez mais discutível numa sociedade marcada pela presença da globalização. Isso faz com que a religião perca seu espaço sagrado delimitado e se torne um peça integrante no jogo de interesses que se situa entre a oferta e a demanda.

É exatamente o vazio ocasionado pela ausência de sentido e pelas tensões do mundo pós-moderno que gera oportunidades para a ação de agentes "vendedores", empreendedores que vão disputar um lugar dentro do mercado de bens simbólicos.

A lucratividade simbólica dos dois movimentos religiosos pesquisados está no fato de poderem, através do "despertar da fé", contabilizar para si mesmos o privilégio da atribuição de significados a símbolos. É por meio dessa legitimidade, respaldada pelos resultados positivos, que pode-se proclamar que um pão não é simplesmente um pão ou que uma pedra é muito mais do que uma simples pedra. O objeto, ao receber um segundo sentido, permite a invasão da vida rotineira, fria e desinteressante, pelas forças do imaginário. Assim,

transfigura-se a realidade material pela instalação, dentro e através dela, do sagrado invisível.

Os símbolos, aos quais os objetos de celebração religiosa da Igreja Universal e da Renovação Carismática se referem, fazem parte daquele grande número de símbolos figurativos e cósmicos, tais como: água, fogo, alimento, luz, natureza; que cada religião, à luz de suas características sócio-culturais específicas, expressam, vivenciam, ordenam, adaptam e classificam.

Com isso, tanto a IURD quanto a RCC conseguiram superar a frieza litúrgica e trazer de volta a teatralidade original, a força expressiva e a criatividade das celebrações religiosas a ambientes que perderam, ao longo dos anos, quase toda a sua carga lúdica e festiva.

A maior evidência do espetáculo nos ambientes mencionados pode ser representada pela centralidade litúrgica nos rituais de cura, libertação e exorcismo, no "falar em línguas" e, em alguns casos, nos movimentos rítmicos da dança, apesar de o púlpito ainda ocupar um lugar de destaque no palco. Além das celebrações dentro dos templos e das igrejas existem os eventos promovidos tanto pela IURD quanto pela RCC em grandes estádios ou em locais a céu aberto, como ruas e praias.

Não é mero acaso que grande parte dos templos da Igreja Universal do Reino de Deus sejam antigos e desativados cinemas ou outras casas de espetáculos, e que o espaço litúrgico das celebrações da Canção Nova, em Cachoeira Paulista, seja um grande estádio com arquibancadas e amplo palco.

Para a realização das celebrações exige-se, além do palco, todo um conjunto de aparelhos eletrônicos, tais como mesa de som, microfones, alto-falantes, luzes, amplificadores de som, aparelhos musicais e outros mais, bem como um confortável espaço para a acomodação da platéia. No decorrer das celebrações, geralmente há deslocamento de pessoas, movimentos corporais, formação de filas e realização de pequenas procissões internas.

As ações simbólicas são vividas com muita intensidade, proporcionando a cada fiel a oportunidade de reviver eventos bíblicos tidos como essenciais para a fé, de uma maneira existencial e carregada de força simbólica. O ambiente é festivo, o que facilita a transformação de cada um em "contemporâneo de Deus".

As dramatizações proporcionam às pessoas uma saída momentânea do presente e um reencontro com as dimensões sagradas da existência. A presença do transcendental na vida cotidiana quebra as rotinas, sendo experimentada com festas

efervescentes que fazem com que cada indivíduo se sinta realizado, confortado e amparado por uma força superior a si mesmo.

A IURD e a RCC trazem para dentro de seus ambientes de celebração o espírito das festas populares e das procissões católicas. É como se estas deixassem as ruas e acontecessem no interior de determinados espaços litúrgicos, onde os fiéis dramatizam uma trajetória que vai da aflição ao milagre, do profano ao sagrado, apresentando à divindade as ofertas, pagando suas promessas e recebendo as dádivas divinas para a vida.

Na IURD, alguns objetos colocados no palco-altar testemunham o lugar fronteiro ocupado pela Igreja Universal no campo simbólico. Na frente do palco, uma cruz de madeira, vazia, sem a imagem do Cristo crucificado. No pé da cruz ficam, geralmente, a "água abençoada" e uma discreta tigela de "azeite orado".

No caso da RCC, em especial da comunidade da Canção Nova, o palco transmite uma simplicidade que gera um contraste direto com os altares das Igrejas Católicas. A cruz apresenta o Cristo crucificado e, para a celebração das missas, uma mesa coberta com uma toalha branca comporta os objetos que serão utilizados durante a cerimônia.

A teatralização e o predomínio da estética precisam ser vistos no contexto das dificuldades experimentadas pelas cerimônias praticadas pelo protestantismo e pelo catolicismo históricos, que se afastaram da religiosidade popular. Mais do que isso, assumiram uma postura elitista. Esse clima de decomposição cúltica entre os cristãos tradicionais provocou um aumento na demanda por rituais, experiências místicas e formas diferenciadas de celebrações religiosas. Dessa maneira, enquanto as liturgias protestantes e católicas tradicionais perdiam a capacidade de estabelecer pontes entre o palco e a platéia e de estimular o comportamento e emoções das pessoas, crescia o movimento neopentecostal e carismático.

No espetáculo litúrgico, além do cenário e dos objetos, é fundamental a atuação do ator que com presença, voz, gestos e dramaticidade provoca atitudes, reações e mudanças no comportamento da platéia. Porém, de modo algum essa ação é isolada; as celebrações exigem a participação de todos.

O papel de mediação entre o sagrado e o profano, pretendido pela IURD e pela RCC, toma forma através da ação de atores concretos, entre os quais figura, em destaque, o líder religioso. Ele é o ator-mediador.

O pastor ou o padre, por meio de suas palavras e gestos, procura integrar todos os presentes no processo de

exteriorização-interiorização coletiva da fé. Como tal, ele é um personagem limítrofe, que se desloca entre as fronteiras do sagrado-profano e detém, por essa razão, as técnicas de bem conduzir a todos nos processos de êxtase.

Nas mais variadas culturas é normal o respeito pelos mágicos, sacerdotes, videntes, profetas, feiticeiros e outros indivíduos especializados em encaminhar pedidos dos leigos, endereçados às instâncias sagradas. Eles são indivíduos fronteiraços que, por terem se colocado nos limites de universos de significado, se tornam admirados, atribuindo-se a eles privilégios que normalmente não são concedidos às demais pessoas.

Com essa liberdade, o oficiante cria, a partir de um cenário apropriado, um ambiente mágico no qual os membros do grupo são convencidos de que seus desejos e vontades poderão se tornar realidade graças à intervenção de forças visíveis apenas para quem é capaz de "enxergar com os olhos da fé". Para que a persuasão aconteça é fundamental a manutenção da homogeneidade grupal, porque é ela que atua sobre cada indivíduo, inibindo eventuais raciocínios independentes e críticos.

O espetáculo religioso promovido pela IURD e pela RCC representa um momento em que as transformações sócio-econômicas e as transformações nas formas das massas vivenciarem a

religião são experimentadas no palco da vida, em nível simbólico. Nesse sentido, trata-se de um espetáculo permanente já que seus "atores", ao participarem integralmente das celebrações que ultrapassam as paredes dos templos e igrejas, trazem as práticas e sensações para suas vidas cotidianas.

O teatro litúrgico participa da criação de uma realidade que se sobrepõe à realidade social mas, ao mesmo tempo, procura fazer com que a vida imite a arte.

Sim, o teatro, eterno exorcista de demônios, que pacifica as paixões, que junta as solidões; o teatro que - exatamente porque torna o irreal mais verdadeiro que o real - faz de nossos mais vagos sonhos, de nossas mais difusas aspirações, de nossas mais inconscientes necessidades, não mais testemunhos de impotência ou de fugas estéreis, mas um trampolim para uma humanidade mais lúcida e mais violentamente ávida de sua própria realização.⁴¹

A Igreja Universal do Reino de Deus e a Renovação Carismática Católica conseguiram unir, por meio da espetacularização das celebrações religiosas, a necessidade de participação dos fiéis, a oferta de novos produtos simbólicos e as emanações originadas das profundezas do imaginário social. Decorre daí o fato de serem Igrejas "modernas" e "antigas", porque conciliam e rompem com o passado, mas reunificam os fragmentos de vários mundos, o que lhes tem garantido a possibilidade de atuação num ambiente de pós-modernidade.

⁴¹ TOUCHARD, P. A. apud CAMPOS, L. S. 1997: p. 113

3.5. Confronto final: TV

O que vos digo na escuridão, dissei-o às claras. O que vos é dito ao ouvido, publicai-o de cima dos telhados.⁴²

Uma alusão a esse versículo do apóstolo Mateus poderia resultar, atualmente, obsoleta: para a divulgação da mensagem de Deus “de cima dos telhados” supõe-se necessária a utilização de antenas de transmissão e, se nos detivermos no enfoque dos avanços tecnológicos, em pouco tempo ninguém mais precisará ter antenas nos telhados. A Igreja Universal parece ter dado certo não por saber usar a mídia, mas por ser, ela mesma, uma realidade midiática. Seu altar é a TV. Seu berço é a TV. Seu tempo é a TV. Os programas da Record-Universal celebram o paraíso do consumo e reforçam todos os fetiches da publicidade: sucesso financeiro, curas instantâneas e vitórias massacrantes sobre os concorrentes.

Já a Igreja Católica parece ainda não fazer parte dessa realidade; seu tempo e sua historicidade são outros. Por isso, sua abordagem dos meios de comunicação passa por um

⁴²A BÍBLIA Sagrada. 2. ed. rev. atual. 1999: Mateus 10, 27

estranhamento e vem marcada por uma culpa de quem se vê às voltas com uma aliança traiçoeira com a mídia, que divulga as ilusões e os pecados mundanos.

Talvez o catolicismo ainda seja incompatível com a monstruosidade da mídia global. Sua ética fala de compaixão, enquanto a mídia só sabe se expandir se for impulsionada pela sede de consumo, pelo exclusivismo, pelo achatamento das diferenças culturais, pelo imperativo do gozo. A lógica da mídia contra a ética da solidariedade promove a concentração de poder e a exarcebação irracional do capitalismo para além das fronteiras nacionais e das fronteiras celestes.

A estratégia dos neopentecostais para conquistar a alma dos brasileiros é estar um passo à frente dos católicos. Nos anos 80, quando a cúpula católica discutia os rumos da política, os evangélicos cresciam com cultos recheados de relatos de milagres divinos e fórmulas para melhorar a vida terrena. Nos anos 90, quando a corrente carismática da Igreja Católica ganhou força falando do poder da fé, os evangélicos foram para as emissoras de TV.

A ciência vem tomando o lugar da religião na hora de explicar o mundo e a auto-ajuda, a psicologia e a medicina, têm substituído a figura do padre no oferecimento de consolo aos sofredores. Pressionada entre os que buscam nas missas a saída

para a crise financeira e os que se recusam a seguir regras de comportamento que consideram ultrapassadas, a Igreja Católica vive um impasse. Sua reação começa pela TV. Mas o sucesso vai depender mesmo do que acontecer fora da TV.

A batalha pela fé dos telespectadores começa no Congresso. A autorização para o funcionamento das emissoras é dada pelo Ministério das Comunicações, mas o processo passa, sempre, por uma articulação política comandada por deputados e senadores. A bancada católica no Congresso é composta de 50 parlamentares.

E agora, quando os católicos investem de forma enfática na TV, os neopentecostais mostram sua força atuando objetivamente no campo político. Nas últimas eleições, conseguiram passar de 38 para 61 deputados e elegeram, também, um senador. Todos colaborando para o aumento da representatividade no Congresso, visando conseguir mais canais de TV.

Bispo Rodrigues é o líder político da bancada da Igreja Universal que transformou a TV Record em recordista em concessões nos últimos anos. A Record cobre 90% do território nacional, com 77 emissoras de TV. A Igreja Universal ainda controla mais 92 emissoras de rádio AM e FM.⁴³

Criada em 1977, no bairro da Abolição, Zona Norte do Rio, a Igreja do bispo Edir Macedo é a denominação evangélica que

⁴³ DANTAS, Edna. Poderes bem terrenos. *Revista Época*. E. Globo, ed 271, p. 58-59, 28 jul. 2003

mais cresce no Brasil. Passou de cerca de 270 mil fiéis, em 1991, para mais de 2 milhões, em 2000. É uma média anual de crescimento de 25,7%, quase três vezes superior ao conjunto dos outros movimentos pentecostais e neopentecostais.

A estratégia de aquisição de veículos de comunicação de massa começou a ser praticada a partir do sétimo ano de funcionamento da Igreja, quando o bispo Edir Macedo passou a aplicar a renda alcançada pelo empreendimento na aquisição de uma tecnologia midiática, que aumentaria ainda mais o alcance da propaganda de sua Igreja.

E atualmente, percebe-se uma guerra santa no ar. Trata-se do contra-ataque da Igreja Católica, disposta a recuperar os fiéis que estavam diminuindo sua participação nas missas em todo o país. Em 2004, devem começar a operar mais de 170 estações de TV ligadas à Igreja Católica e entrará no ar a sua quarta rede, a TV Aparecida.

A crise da Igreja Católica no Brasil é conhecida há tempos, mas só recentemente os números fizeram despertar a atenção do alto clero que foi informado, no último Congresso da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de que o catolicismo está perdendo mais de um milhão de fiéis por ano.

Uma sobreposição de dados do IBGE e da Record revela porque a Igreja Católica está tão interessada em abrir

emissoras de TV: a concentração dos seguidores da Universal está justamente nas cidades atingidas pelo sinal da Record.

A comunicação sempre foi um instrumento utilizado pela Igreja Católica. A própria palavra propaganda ganhou seu significado atual depois que o papa Clemente VII fundou, em 1597, uma congregação para difundir a fé. Porém, a atitude da Igreja Católica de assumir o apelo da mídia parece ter surgido depois de dois choques. O primeiro é externo: o sucesso televisivo das igrejas neopentecostais. O outro é interno: o crescimento do movimento de Renovação Carismática, mais ligado à pregação e representante da ênfase na ação do Espírito Santo.

A investida da Igreja Católica sobre a TV faz parte de uma reação em um momento de crise. O catolicismo vem perdendo fiéis por conta de várias tendências da sociedade pós-moderna. Uma delas é que as pessoas vivem num ritmo frenético e, por isso, precisam de respostas rápidas para seus anseios. Assim, grupos cada vez maiores se afastam das religiões tradicionais, como o catolicismo, que pregam resignação e humildade para uma redenção que virá apenas no outro mundo.

Crescem em um ritmo cada vez maior as igrejas que propõem felicidade aqui e agora. Boa parte das pessoas, hoje, prefere formular sua fé nos próprios termos, numa espécie de "faça-você-mesmo". São aqueles que no Censo do IBGE, aparecem como

"sem-religião", ainda que não sejam ateus. Para atender às necessidades urgentes dos indivíduos, aumenta entre os evangélicos o grupo que tem aderido à teologia da prosperidade aplicada, inclusive, pela Igreja Universal.

Trata-se de um conjunto de idéias formuladas nos Estados Unidos e popularizadas pelos televangelistas; que valoriza e considera o mercado de bens e serviços, típicos da sociedade de consumo, sinal visível de que o fiel é abençoado pela graça de Deus.

A multiplicidade das religiões, tão antiga como a própria humanidade, constitui um dado histórico que, somente em nossos dias, atinge realmente o nosso país. De fato, num passado não muito remoto, a hegemonia do catolicismo, freqüentemente apoiada nos governantes, anulava a incidência social das outras religiões minoritárias, mantendo os católicos, de certo modo, imunes à sua influência. Hoje, contudo, a moderna sociedade pluralista é tolerante com relação às crenças religiosas e o Estado dispensa a legitimação religiosa para garantir sua aceitação e estabilidade. O catolicismo se vê então rodeado de "concorrentes", numa incômoda situação já caracterizada como a de um "mercado de bens religiosos".⁴⁴

Considerado de perfil teórico-prático conservador, o movimento da Renovação Carismática Católica se apresenta como a locomotiva da reação católica frente ao avanço evangélico. Sua principal arma é a fidelidade à Instituição combinada com a vibração neopentecostal.

⁴⁴ MIRANDA, M. F. 1996: p. 110

Podemos considerar a RCC como um importante instrumento para a revitalização da comunidade católica na medida em que resgata a paixão pelo cristianismo, substituindo a esterilidade deixada como herança pelo catolicismo tradicional.

Há muitas semelhanças entre a difusão televisiva realizada pela Igreja Universal do Reino de Deus e pela Renovação Carismática Católica, em especial, a Canção Nova. Ambas apresentam programas distribuídos em nível nacional e internacional; os receptores são convidados a enviar recursos para a manutenção dos respectivos movimentos; têm sistemas de controle dos simpatizantes, colaboradores e receptores em geral; vendem diversos produtos através da programação televisiva; além de terem a linha de programas baseada no sentido do extraordinário e do miraculoso.

Porém, apesar das similaridades na forma, carismáticos e neopentecostais têm uma diferença fundamental no conteúdo: a devoção a Nossa Senhora. Símbolo de uma das principais discordâncias teológicas com os protestantes, Maria é um ícone católico. Não é por acaso, portanto, que o longa-metragem "Maria, a Mãe do Filho de Deus", produzido pelo padre Marcelo Rossi e estreado em outubro de 2003, oferece tamanho destaque a ela. No filme, padre Marcelo vive o papel de si mesmo, contando

a uma criança a história de Nossa Senhora. Em outros momentos da trama, ele aparece como o arcanjo Gabriel.

A Rede Record de Televisão utiliza-se da estética retórica dos grandes filmes de *Hollywood* e dos estereótipos da figura de Jesus Cristo criados pelo cinema. A música eletrônica é muito utilizada como trilha sonora para *clips* que mostram imagens dos fiéis durante os cultos em comparação com passagens bíblicas sugestivas, como a aclamação da entrada de Jesus em Jerusalém.

A TV Canção Nova utiliza um plano mais psicológico, divulgando imagens de abordagem simples, com pessoas comuns e sem "grandes atrativos" em primeiro plano, música coloquial e uma reflexão da angústia individual.

Uma leitura crítica da programação televisiva da Rede Record mostra uma difusão religiosa intensa, além de freqüente exibição de filmes sobre heróis bíblicos. No decorrer dos programas há publicidade institucional da Igreja Universal, *spots* com histórias de vida de pessoas que aderiram à Igreja e reportagens sobre a atuação assistencial da IURD. Nos horários críticos da vida diária há pastores que fazem preces especiais pelos ouvintes.

A maior parte dos programas religiosos da Record é ocupada com a apresentação de relatos de cura e de súbitas e milagrosas condições de prosperidade. Porém, a ênfase maior está nas

"histórias de fé", muitas delas transmitidas ao vivo, diretamente de templos da Igreja Universal; ou da casa de famílias de fiéis "que tiveram suas vidas mudadas" depois da conversão.

Nestes programas, um "pastor-âncora" comanda o *show*, atendendo os telefonemas dos ouvintes e entrevistando pessoas. E a finalização dos referidos programas acontece sempre com uma sessão de preces, quando o pastor estabelece a mediação entre a divindade e os pedidos de seus ouvintes. No estúdio, no centro da mesa fica um copo com água que deve receber as bênçãos do Espírito Santo. O pastor convida os telespectadores a colocarem um copo com água em cima do aparelho televisor em casa, para que seja abençoado durante a oração.

Enquanto a prece está sendo realizada, a câmera mostra ao fundo imagens de lagos de águas paradas, águas batendo nas rochas à beira mar ou águas caindo numa cachoeira. No momento final da oração, o pastor convida a todos para se unirem a ele tomando a "água abençoada".

Toda a publicidade da Igreja Universal, na sua própria mídia, está voltada para uma única meta: levar pessoas para seus templos. Daí serem freqüentes expressões como: "Você tem que ir ao templo" ou "Vença o satanás que não quer que você vá à Igreja".

A forma utilizada pelo pastor da Igreja Universal para organizar o que dizer passa pela coleta de exemplos tirados do cotidiano de sua audiência, possibilitando que os receptores saiam do particular concreto para o nível geral, abstrato. Quando um convertido é colocado diante de todos, num programa de televisão, o receptor é convidado a se reconhecer no personagem e a fazer da história do outro a sua própria biografia.

Durante as entrevistas fazem-se perguntas-chave, produzem-se interrupções estratégicas e insere-se no discurso do entrevistado uma segunda narração, um discurso sobre o discurso do fiel, orientando a ação retórica para a concretização de estratégias de comunicação já delineadas, cuja finalidade é criar o melhor impacto lógico possível no receptor final do discurso.

... a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam de "o efeito de real", ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir idéias ou representações, mas também grupos.⁴⁵

A TV Canção Nova, que vai aumentar seu número de emissoras, de 254 para 404, em 2004, mantém uma programação voltada para a difusão religiosa, com exceção de poucos programas jornalísticos ou informativos. As campanhas

⁴⁵ BOURDIEU, P. 1997: p. 28

realizadas pela comunidade são amplamente difundidas na grade de programações, bem como durante os programas de entrevistas ou de orações.

Assim como nos programas da Rede Record, os testemunhos são fundamentais para a atração de novos fiéis. O que se pode perceber é uma distinção contrastante no que diz respeito à teologia da prosperidade aplicada pela Igreja Universal. Os testemunhos inseridos na programação da TV Canção Nova não apresentam enfoque em questões financeiras. Falam de conversão, curas, mudança de vida, sem dar grande importância às vitórias financeiras alcançadas pelos entrevistados.

Esse testemunho divulgado na Revista Canção Nova, na coluna Clube do Ouvinte, representa bem o enfoque da mídia televisiva na captação de novos fiéis:

Há mais de um ano eu andava perdido... Sou casado há doze anos com uma mulher fiel e tenho duas filhas, mas andava na escuridão. Comecei a me envolver com pessoas que vivem das mazelas deste mundo, pensava em me separar, deixar minha esposa e companheira, minhas filhas, meus amigos. Minha família sofreu muito... Contudo, minha esposa, que eu tanto maltratava, orava incessantemente. Mostrava-me as leituras do Evangelho e eu me recusava a ler, me chamava para ir à igreja e eu não aceitava, deixando-a ir sozinha. Ela tentou de todas as formas e eu permanecia endurecido. Mas foi perseverante e não desistiu. Quando saía para trabalhar, ela sintonizava a TV Canção Nova. Era como se fosse seu último recurso (e realmente era). Como eu só começava a trabalhar no período da tarde, isso se repetia todos os dias.

Num certo Domingo do mês de abril, minha esposa me chamou para ir à Missa e, como sempre, eu me recusei e fiquei sentado no sofá. A televisão estava sintonizada na Canção Nova e lá está o Pe. José Augusto pregando. Eu me encontrava vazio, de cabeça baixa, olhando para o chão. O padre começou a falar assim: "E você, meu irmão, que está sentado, o que você está esperando?" Eu olhei para a TV e, de repente, ele enfatizou novamente: "É com você mesmo que eu estou falando!" Novamente levantei minha cabeça e pensei: "Será que está falando comigo?" Ele disse: "É você mesmo que está sentado no seu sofá! Levanta, meu irmão, e toma uma decisão em sua vida! Deus o está chamando!" Estas palavras me marcaram muito e imediatamente eu levantei, vesti minha roupa e fui à missa e ao ver minha esposa de joelhos, chorando no banco de trás, eu me comovi e entendi a mensagem que Deus enviou através da Canção Nova para me resgatar de um buraco.⁴⁶

Por outro lado, verifica-se uma intensa solicitação de contribuição financeira por parte dos telespectadores. A idéia é que eles se tornem sócios do empreendimento oferecendo uma quantia fixa e mensal em dinheiro, paga através de boleto bancário enviado via correio, após adesão do fiel por telefone.

Percebe-se, também, um forte apelo ao público jovem, através de programas voltados para questões como gravidez na adolescência, drogas, vícios e "liberdade excessiva". A marca PHN (Por Hoje Não), amplamente utilizada por grupos de auto-ajuda como os Alcoólicos Anônimos, por exemplo, tornou-se marca registrada da juventude fiel da Canção Nova. Estampada em camisetas, chaveiros e bonés, entre outros objetos vendidos

⁴⁶ ANTÔNIO, J. Testemunho. *Revista Canção Nova*. Cachoeira Paulista: Sistema Canção Nova de Comunicação, p. 9, nov. 2003

pela comunidade, a marca representa a força de vontade do jovem diante das tentações do mundo através da lembrança do "Por Hoje Não vou pecar".

Os acampamentos de oração, realizados dentro da comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista, no estado de São Paulo, são outro ponto-chave de atração da programação televisiva. Dezenas de ônibus de todas as partes do Brasil chegam à comunidade em períodos determinados e podem dispor de estadia e alimentação a preços compatíveis com a realidade financeira de boa parte da população brasileira.

Esses acampamentos são temáticos e geralmente abrangem períodos de feriados como o Carnaval, a Semana Santa, ou o Natal. As palestras, orações e missas realizadas são transmitidas ao vivo, do estádio localizado na comunidade, e reprisados ao longo das próximas semanas durante a programação diária. Verifica-se um clima de grande festividade, com execuções musicais freqüentes e cerimônias de cura e libertação.

O discurso dos padres e demais apresentadores de programas religiosos da TV Canção Nova tem apresentado semelhanças com o discurso utilizado pela Igreja Universal nos programas veiculados pela TV Record. A figura do demônio está presente em todas as falas e pregações, representando a tentação que afasta

o fiel dos caminhos de Deus. A ênfase no ritmo modulado da voz nos momentos de orações de cura e libertação também reflete a influência neopentecostal.

Apesar de manter uma certa "ingenuidade" diante da eficácia discursiva da Igreja Universal, a Canção Nova tem inovado sua forma de falar com o telespectador, especialmente no que diz respeito às pregações nos acampamentos de oração. Dotadas de bom humor, metáforas que intercalam o divino e a vida cotidiana, além de uma linguagem acessível e clara, essas pregações mantêm a atenção e o interesse dos telespectadores, apresentando os melhores índices de audiência da TV Canção Nova.

... E, insensivelmente, a televisão que se pretende um instrumento de registro torna-se um instrumento de criação da realidade. Caminha-se cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão.⁴⁷

O céu já não é o limite, é o campo de batalha. Muito além dos telhados, essa é a única verdade da nova ordem mediática: assim na terra como no céu. A Record-Universal e a TV Canção Nova se apresentam, nesse contexto, como lojas de prazeres imaginários para os espíritos ressequidos.

⁴⁷ BOURDIEU, P. 1997: p. 29

...[O homem contemporâneo] não consegue perceber que, apesar de toda a sua racionalização e toda a sua eficiência, continua possuído por "forças" além do seu controle. Seus deuses e demônios absolutamente não desapareceram; têm apenas novos nomes. E conservam-no em contato íntimo com a inquietude, apreensões vagas, complicações psicológicas, uma insaciável necessidade de pílulas, álcool, fumo, alimento e, acima de tudo, com uma enorme coleção de neuroses.

CARL YUNG

4. CONCLUSÃO

Na atualidade, a noção de sagrado responde a um individualismo e a uma preocupação de si que atinge os lugares mais longínquos do planeta. Por falta de referências as pessoas se sentem ameaçadas diante da autonomia que se tem tomado em relação à figura do outro. Diante da quebra de fronteiras apresentada pela globalização, as necessidades religiosas são baseadas em consolo e redenção.

Se a Igreja Universal do Reino de Deus se expandiu com sucesso pelo planeta com o enunciado "Pare de sofrer", que muitas vezes substitui o próprio nome da Igreja, é porque o sofrimento não é mais enquadrado como um fatalismo tradicional. Ele é sentido com uma acuidade sem precedentes porque o indivíduo pós-moderno, mais do que nunca, necessita ter seus anseios atendidos com urgência.

Os sentimentos e emoções são, então, postos em espetáculo por uma máquina midiática que funciona tanto nos lugares de cultos e missas, quanto nos discursos políticos, nos programas de assistência social ou na televisão. Essa máquina se inscreve na "cultura do imediatismo" e produz um novo tipo de fé marcada, ao mesmo tempo, pelos medos passados ligados às potências ocultas e pela preocupação da realização de si mesmo, própria do individualismo moderno. Uma fé que se nutre ao mesmo tempo da autonomia e da busca pessoal da alegria espiritual.

Os cultos religiosos da Igreja Universal do Reino de Deus reúnem dezenas de milhares de pessoas em estádios ou em antigos galpões de fábricas transformados em templos e as cerimônias da Renovação Carismática Católica, celebradas com muita música e dança, estimulam o clímax dos presentes e são transmitidas por canais da TV aberta.

Pastores e padres transformaram-se em verdadeiros *popstars*. Tudo em nome do espetáculo. As doutrinas e os dogmas já não são o mais importante, tanto para eles quanto para seu público. A "imagem-carisma" do líder religioso passou a ser a doutrina principal.

Não se tem certeza de que haja um ressurgimento religioso. Acreditamos que o "religioso" estava, até então, inscrito na ordem tradicional e se apresentava passivo. Acreditamos ser mais correto falar numa transformação religiosa. A Igreja Universal do Reino de Deus e a Renovação Carismática Católica ilustram bem isto.

A mídia, em especial a televisão, articulada de um lado às comunidades urbanas e de outro ao transnacional, detém um papel fundamental no desenvolvimento das manifestações religiosas na forma "espetáculo". É através dos meios midiáticos que ocorre o encontro da oferta e da demanda das

necessidades crescentes dos indivíduos. E é através deles, também, que estas necessidades se constroem.

A Igreja Universal do Reino de Deus e a Renovação Carismática Católica combinam o tradicional e o hipermoderno, ancorando suas práticas numa cultura popular baseada no individualismo. Constroem um indivíduo que pode continuar a viver num universo de espíritos, olhando através da televisão as grandiosidades e as misérias da pós-modernidade.

Apelam para a emoção e conseguem articular um discurso de sofrimento e de redenção para as categorias sociais mais afetadas pelas transformações econômicas e sócio-políticas. Comparecem diante de seus membros e oferecem, fora de todo o quadro hierárquico, o sentimento de existir como pessoa humana e de garantir um controle sobre sua vida. Ao mesmo tempo em que mantém as populações no universo familiar da crença nos poderes invisíveis, mobilizam, num imaginário geopolítico universal, todos os recursos disponíveis para exorcizar as forças perseguidoras que aniquilam mentalmente e socialmente essas populações.

O público-alvo dos dois movimentos é formado por pessoas em "situações-limite". São indivíduos que experimentam intensamente as incertezas da vida urbana, nos quadros de uma economia capitalista em processo de remodelação, aliadas a um

processo de desarticulação dos modos de vida provocados pelo avanço de um estilo pós-moderno. Tudo isso cria oportunidades para o emprego de rituais que reduzem as incertezas e restauram nos indivíduos a crença de que a realidade pode ser um pouco mais manipulável e um pouco menos arbitrária.

Não se pode dizer que a religião tem usado as leis do mercado para vender a sua mercadoria; acreditamos ser mais coerente afirmar que ela mesma se submeteu às leis citadas e se transformou numa mercadoria também vendável no mercado.

A submissão do sentido do sagrado aos interesses dos consumidores é um fenômeno essencial para a compreensão da influência da Igreja Universal do Reino de Deus e da Renovação Carismática Católica no cotidiano pós-moderno. Porque podemos concluir: o objetivo maior dos dois movimentos pesquisados é trazer de volta as discussões sobre a interioridade das pessoas, suas fantasias, desejos e sonhos, matéria-prima que sempre ligou o homem ao âmbito do sagrado, e transformar essa bagagem emocional em números cada vez maiores de adeptos.

5. BIBLIOGRAFIA

A BÍBLIA Sagrada. 2. ed. rev. atual. Trad. de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

A FÉ que move multidões avança no país. *Revista Veja*, São Paulo, ed. 1130, n. 19, p. 46-52, 16 mai. 1990.

À LUZ da Bíblia. *Revista Época*, São Paulo, ed. 271, p. 60-61, 28 jul. 2003.

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Campinas: Papirus, 1988.

ANTÔNIO, Jakson. Testemunho. *Revista Canção Nova*. Cachoeira Paulista: Sistema Canção Nova de Comunicação, p. 9, nov. 2003.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e Arte poética*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

AZEVEDO, Marcelo. *Entroncamentos & entrechoques: vivendo a fé e um mundo plural*. São Paulo: Loyola, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Ed.70, 1988.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Simpósio Ed.: Universidade Metodista do Estado de São Paulo, 1997.

CANÇÃO Nova. Disponível em <<http://www.cancaonova.org.br>>.

Acesso em: 10 nov. 2003.

CESAR, Waldo. *Para uma sociologia do protestantismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1973.

DANTAS, Edna. Poderes bem terrenos. *Revista Época*. Ed. Globo, ed. 271, p. 58-59, 28 jul. 2003.

----- . Os católicos contra-atacam. *Revista Época*. Ed. Globo, ed. 271, p. 52-57, 28 jul. 2003.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Ed. Contraponto, 1997.

DEBRAY, Régis. *Manifestos midiológicos*. Petrópolis: Vozes, 1995.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

GOMES, Eugênio. *Padre Vieira: Sermão da Sexagésima*. Rio de Janeiro: AGIR, 1972.

GROSS, Eduardo. *Manifestações literárias do sagrado*. Juiz de Fora: UFJF, 2002.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.

IBGE. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>> Acesso em: 10 out. 2003.

IGREJA Universal do Reino de Deus. Disponível em:
<<http://www.igrejauniversal.org.br>>. Acesso em: 24 nov.
2003.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

LASSWELL, Harold Dwight. *A linguagem da política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

LEBRUN, Gerard (org.). *Friedrich Nietzsche: Obras Incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MIRANDA, Marcelo F. *Um catolicismo desafiado: igreja e pluralismo religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1996.

NUMEM. Juiz de Fora, v. 2, n. 2, dez. 1999.

----- . Juiz de Fora, v. 3, n. 1, jun. 2000.

PERMANÊNCIA. Disponível em:
<<http://www.permanencia.org.br/vida/vieira.htm>>. Acesso em:
22 out. 2003.

REIS, Sérgio Rodrigues. Louvor que enriquece. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 out. 2003, Caderno Cul., p. 4.

SILVA, Eumano et. al. Dossiê com as ações do clero. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 nov. 2003, Caderno Pol., p.5.

6. APÊNDICES

Os apêndices que seguem referem-se a matérias divulgadas em revistas de circulação nacional:

A FÉ que move multidões avança no país. *Revista Veja*, São Paulo, ed. 1130, n. 19, p. 49, 16 mai. 1990.

A FÉ que move multidões avança no país. *Revista Veja*, São Paulo, ed. 1130, n. 19, p. 50-51, 16 mai. 1990.

DANTAS, Edna. Os católicos contra-atacam. *Revista Época*.
Ed. Globo, ed. 271, p. 52, 28 jul. 2003.